

Revista da mangueira

carneval de 2025





Verde Rosa

O Camarote

Uma experiência
única na Sapucaí.

Ingressos:
verderosaocamarote.com



índice

REPORTAGEM DE CAPA	4	29	ARTIGO DE AYDANO ANDRÉ MOTTA
PERFIL DE SIDNEI FRANÇA	10	30	O BARRACÃO
ESTRANGEIROS	13	32	A COMISSÃO DE FRENTE
A ALA DAS CRIANÇAS	14	34	A BATERIA
CHININHA	16	36	CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
ARTIGO DE GUANAYRA FIRMINO	17	38	O SAMBA, VERSO A VERSO
MUSEU VIRTUAL DE MANGUEIRA	18	40	ARTIGO DE RAFAELA BASTOS
ARTIGO DE STEPHANYE PAZ	20	42	O CAMAROTE
O ENREDO DE 2025	22	44	GALERIA DE FOTOS
ENTREVISTA COM YNAÊ LOPES DOS SANTOS	24	46	ARTIGO DE GABRIEL DAVID

mangueira

PRESIDENTA GUANAYRA FIRMINO • **PRESIDENTA DE HONRA** ELI GONÇALVES DA SILVA, A CHININHA • **VICE-PRESIDENTE** MOACYR BARRETO • **VICE-PRESIDÊNCIAS** • **FINANCEIRO** ARMANDO DE BRITO DO NASCIMENTO • **SOCIAL** CLAUDIENE ESTEVES • **ADMINISTRATIVO** PAULO MONTEIRO • **PATRIMÔNIO** DEMILSON LIMA • **JURÍDICO** LUIZ ANDRÉ • **ESPORTES** CARLOS DÓRIA • **CULTURAL** ADAIR MACHADO • **MÉDICA** DRA. VERA • **EVENTOS** THIAGO FIRMINO • **PROJETOS ESPECIAIS** RAFAELA BASTOS • **DEPARTAMENTO FEMININO** ALINE GONÇALVES • **HARMONIA** HELTON DIAS • **DIVULGAÇÃO** VICTOR AMANCIO • **MANGUEIRA DO AMANHÃ** EVELYN BASTOS • **PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL** CRISTIANO BARBOZA • **DIRETOR DE CARNAVAL** DUDU AZEVEDO

expediente

REVISTA DA MANGUEIRA CARNAVAL 2025

CONCEPÇÃO, PAUTA, REPORTAGENS, REDAÇÃO E EDIÇÃO: AYDANO ANDRÉ MOTTA
REPORTAGENS: RENATA RODRIGUES
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: TELIO NAVEGA
FOTO DA CAPA: FABIO ROSSI
TRATAMENTO DE IMAGENS: LUIZ SILVEIRA
JORNALISTA RESPONSÁVEL: AYDANO ANDRÉ MOTTA (MTB 18.405)
TIRAGEM: 30 MIL EXEMPLARES



01. ELMO; 02. DIEGO; 03. DEMILSON; 04. RODRIGO EXPLOSAO; 05. DOWGLAS; 06. THIAGO; 07. CLAUDIENE; 08. ADAYR; 09. BISTEKA; 10. GUANAYRA; 11. JOSÉ WILLIAM; 12. ARÍDIO; 13. TARANTA NETO; 14. VITOR ART; 15. HELTON; 16. ALINE; 17. GUEZINHA; 18. RAMON LERO; 19. DÃO; 20. ALVINHO





capa

Estação Primeira dos crias

COM SABERES COMUNITÁRIOS, GERAÇÕES DE ORIUNDOS DO MORRO DE MANGUEIRA CONDUZEM A ESCOLA NA DIREÇÃO DO FUTURO



Morro acima, até o topo e além, sobe o quilombo verde e rosa, território de arte, cultura, resiliência, da gente que não se entrega. Batuca do seu jeito, canta mais forte, enfrenta e vence poderosos em nome do seu pavilhão. Gerações de guerreiros virtuosos, dançarinos, ritmistas, cantores, poetas, artistas incríveis.

Agora, com vocês, o povo de Mangureira — a Estação Primeira dos Crias.

Integrar a dinastia verde e rosa significa muito mais do que nascer no morro. Passa, obrigatoriamente, pela escola fundada em 1928 sob fundamentos inegociáveis, vigentes até hoje — e para sempre. A partir deles, os mangueirenses oferecem ao mundo sua arte única, uma das melhores caras do Rio de Janeiro.

O destino comum de ser cria começa pelo endereço — a favela — e por se orgulhar dele (como ensina o verso do samba de 2025). Do DNA especial, vem a conexão com a escola e os variados caminhos que ela pavimentava, produzindo artistas diversos, em quantidade caudalosa. Uma torrente de talentos, a Mangureira.

Alguns chegam a presidente, como Elmo José dos Santos, o Rato do Tamborim, um dos maiores sambistas vivos. Nascido no Buraco Quente, filho de Homero José dos Santos, o Tinguinha, fundador da ala da bateria, liderou o renascimento da escola, no fim dos anos 1990. Ou Alvaro Luiz Caetano, o Alvinho, que cresceu na Candelária para se tornar presidente e comandante do título de 2002. Antes, foi compositor de sambas como o antológico “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”, de 1988.

Ou, claro, Guanayra Firmino, segunda mulher negra a ocupar o cargo (a primeira foi Chininha, hoje presidente de honra), filha do ex-presidente Roberto Firmino que cresceu no Buraco Quente. Descendente de Tia Fé, fundadora informal da escola, teve a

iniciativa de entregar a Estação Primeira aos crias, preenchendo quase todos os postos importantes com herdeiros da terra mítica.

Entre elas, está uma incrível metamorfose. Maior rainha de bateria da escola, passista lendária, Tânia Bisteka madruga no barracão para dirigir o monta-desmonta de alegorias, administrar o ateliê e supervisionar a confecção de fantasias e esculturas. No Carnaval, lidera trabalho essencial nos bastidores: o comboio dos carros alegóricos da Cidade do Samba à Sapucaí. Ida e volta, perícia pura.

Seus trajes atuais não têm lantejoulas nem quaisquer outros brilhos: botas, jeans surrados, capacete, como pede o cargo. Mas tudo certo. “É uma honra ser do Morro de Mangureira e da Estação Primeira”, reconhece. “Venho de uma linhagem, meus avós nasceram ali, meus pais foram passistas. Ser cria é aprender sempre”, ensina ela, exceção feminina no cargo totalmente masculino entre as outras escolas. E hoje reconhecida em premiações do setor.

Bisteka divide o dia a dia no barracão com Diego Firmino, de outro clã mangueirense. Filho de Guanayra, aprendeu na prática os segredos da atividade-chave para o sucesso na Avenida. Honra para mais um cria do Buraco Quente, terreiro dos primeiros ensaios da escola. “Cria é um fruto dessa árvore. Tenho muito orgulho de me definir assim”.

O ramo “Buraco Quente” ostenta a pedagoga Claudiene Esteves Pereira, outra ex-rainha de bateria, que começou sua trajetória antes de nascer! “Desfilei na barriga da minha mãe”, confirma. No título de 1998, estreou como passista e no triunfo seguinte, 2002, passou como rainha de bateria. Agora, ocupa a vice-presidência social. “Sou muito grata por essa oportunidade de construir um olhar nessa árvore frondosa chamada Mangureira!”, exulta.

José William: símbolo vivo do cria, o herdeiro banto que carrega o futuro de Mangureira



Fotos de Fábio Rossi



BISTEKA



ALINE



GUANAYRA

Irmão de Claudiene, Vitor Art embrenhou-se por outro ramo da paleta de artes da escola — a música. Ainda criança, participou da Orquestra Afrobrasileira, projeto da Vila Olímpica. Foi mestre de bateria por quatro carnavais (2015 a 2018) e desde 2023, responde pela direção musical. “Cria é o amor pelo manto verde e rosa. Ser amigo, parceiro, bom companheiro”, resume ele, autor de uma música chamada “Cria”.

E eles se sucedem na batida característica, única, da Mangueira, como prova outro mestre, Taranta Neto, regente da orquestra verde-rosa ao lado de Rodrigo Explosão (filho de Alcyr, outro maestro soberano). “Aqui a gente não tem direito de escolher, já nasce sendo Mangueira”, explica ele, neto de mestre homônimo. “Ser cria é viver o morro, ajudar a tia a carregar as compras, jogar futebol, zoar os amigos e ser zoadado por eles. E saber desde cedo o que é certo e errado e zelar pelos seus”, oferece o letramento impecável.

Parecido com o do administrador de empresas Arídio Cavalcante de Oliveira, oriundo do Careca, trecho da comunidade entre o Buraco Quente e a Olaria. Em 2006, ele integrou a direção da bateria e hoje está na Comissão de Carnaval. “Ser cria é nascer e ser criado nesse lugar mágico, é aprender que a Mangueira é uma escola de vida, que ajuda na formação cidadã”, atesta.

Para carregar tamanha ancestralidade, convém ter força no canto. E Dowglas Diniz aprendeu cedo. “Ser cria é ser favela, andar descalço pelos becos e vielas, bater no peito e ter orgulho, sem jamais esquecer de onde viemos”, resume ele, 27 anos, intérprete oficial desde 2024, ao lado de Marquinhos Art Samba, no lugar que um dia foi de Jamelão. Privilégio para quem deu os primeiros passos com 4 anos, na Mangueira do Amanhã.

O envolvimento desde cedo com os preceitos culturais da escola construiu a personalidade de Helton Dias. Nascido no Beco do Tempero, na Candelária, promoveu, ao longo da vida, festas juninas e a folia de reis que virou tradição. Teve o privilégio de ser vizinho de Aloisio Costa, um dos compositores de “Exaltação à Mangueira”, hino maior da escola. Hoje é vice-presidente de harmonia. “Sou cria de uma escola de vida”, define.

Enquanto isso, Fernanda Oliveira, a Dão, dançava com o molejo que adquiriu correndo descalça desde criança pelo Buraco Quente. Em 2004, ganhou o concurso para rainha de bateria e depois virou musa da comunidade. Agora, coordena a ala de passistas.



DEMILSON



TARANTA NETO



RODRIGO EXPLOSÃO



VITOR ART



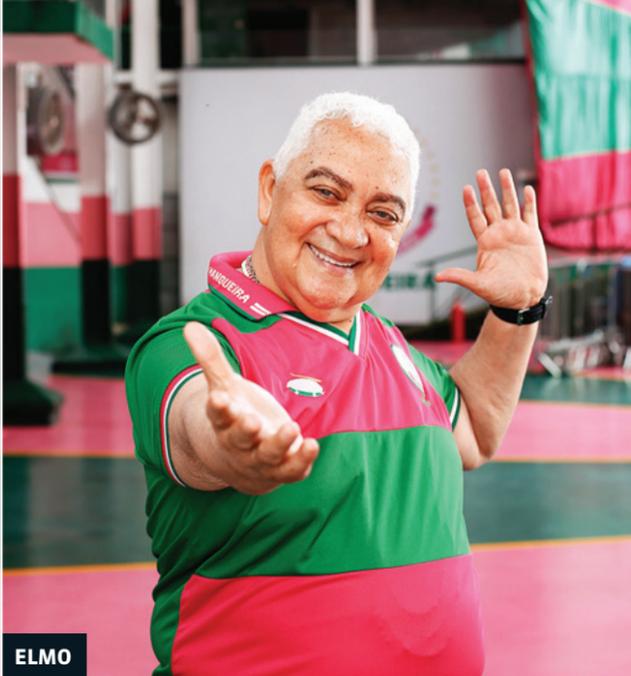
RAMON



DOWGLAS DINIZ



HELTON



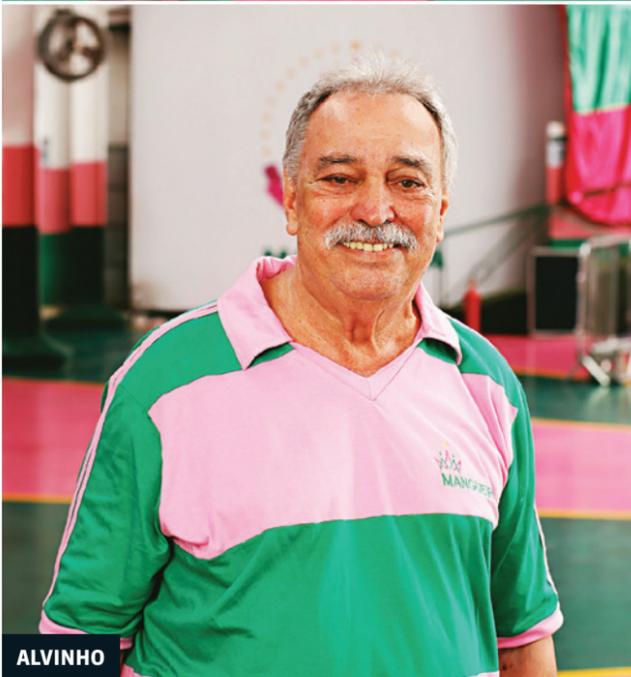
ELMO



DIEGO



CLAUDIENE



ALVINHO

“Ser cria é sentar num bar e tomar um gelo; no domingo esperar o ensaio e dar tudo na Visconde de Niterói; é descer de moto a ponte da candelária com a vista linda da Baía de Guanabara. Ser cria é pedir bênção às tias, ter respeito por quem veio antes”, enumera.

Dão tem como parceiro um aprendiz das rainhas de bateria da comunidade. Ramon Lero nasceu com a ajuda de Vovó Luciola, parteira que, reza a lenda do morro, viveu 111 anos ajudando novos mangueirenses a virem ao mundo. “Sou fruto vivo desse solo sagrado. “Sou reflexo dos espelhos que tenho, como a Guanayra. A Mangureira pulsa em nosso coração”, orgulha-se.

A intensidade nos crias é sólida, contundente, sem tom pastéis, só o verde e o rosa muito vivos. Basta ouvir a professora Aline Justo Machado, bisneta de Saturnino Gonçalves, o primeiro presidente, e neta de Dona Neuma, matriarca icônica. “Mangureira é o amor que une minha família”, recita ela, hoje vice-presidente do Departamento Feminino, fundado pela avó. “Ser cria é o orgulho de se criar numa favela, onde se superam as dificuldades, subindo e descendo o morro de cabeça erguida”.

Prima de Aline, Adair Machado é outra ex-rainha de bateria. Também professora, integra apropriadamente o Departamento Cultural. A “tia Adair” mira o futuro, cuidando das crianças com atividades de valorização da história verde-rosa. “Ser cria é nascer, crescer, respeitar os ancestrais”, ensina.

E o futuro dos crias? Vive em José William, o menino da logo do enredo, em seu estilo de cabelo alourado e atitude altiva. Virão todos os carnavais e a Mangureira passará vigorosa, com as novas gerações que aprenderão os preceitos ancestrais.

A eterna escola dos crias!



DÃO



THIAGO



ARIDIO



GUEZINHA



ADAIR

perfil

Sidnei França estreia com firmeza e determinação

CARNAVALESCO PAULISTANO MULTICAMPEÃO ASSUME A MANGUEIRA SEM MEDO E GANHA RESPEITO DA COMUNIDADE VERDE-ROSA



No braço direito de Sidnei França, pouco abaixo do ombro, destaca-se a tatuagem com força de compromisso vital: “Eternamente Mocidade Alegre”. Mas tem bastante espaço para outra, ainda por fazer. São enormes as possibilidades de, em breve, surgirem ali o surdo, a coroa, os louros, as estrelas e, mais importante, as palavras: “Estação Primeira de Mangueira”.

O emblema verde-rosa marcado na pele será arremate perfeito para uma história que conjuga coragem, determinação, firmeza e ousadia – além de identificação quase instantânea. Logo após o desfile de 2024, recebeu improvável convite para assumir o posto na Mangueira. Vai estreiar na Sapucaí como carnavalesco da verde e rosa.

Nascido, 44 anos atrás, na Casa Verde, Zona Norte de São Paulo, França atravessou a Ponte Aérea e desembarcou numa das mais tradicionais grifes do maior Carnaval do Brasil. Está (muito) longe de ser pouca coisa – mas ele encara com altivez a missão, sem medo, tampouco arrogância. “Foi muito surpreendente na hora, realmente nem imaginava”, admite.

A vida de Sidnei França começou a mudar em direção ao litoral precisamente às 11h41 do sábado 17 de fevereiro de 2024, quando apitou seu telefone, com a nova mensagem: “Bom dia, aqui é Guanayra Firmino, presidenta da Mangueira. Quería saber se você tem interesse em fazer nossa escola”. Simples e direto, bem no estilo da dirigente. “Tive boas referências dele,

decidi apostar”, confirma ela, convencida do acerto na ousadia. Após o “sim”, o carnavalesco recebeu o link de uma passagem para o Rio; poucas horas depois, era anunciado na verde e rosa, algo impensável, quando ele acordou, naquela manhã.

Rapidamente, percebeu a dimensão da aventura em que se metera: foram mais de 300 mensagens no celular, quase no mesmo momento da divulgação. “Nem os títulos em São Paulo tiveram tanta repercussão”, constata o artista, maior vencedor do Sambódromo do Anhembi, com cinco campeonatos – quatro pela tatuada Mocidade Alegre (2009/12/13/14) e um pela Águia de Ouro (2020).

O Carnaval carioca rondou França outras três vezes, mas os convites não se consumaram. A única proposta efetiva foi para fazer a pesquisa na Vila Isabel em 2011 (“Mitos e histórias entrelaçados pelos fios de cabelo”), que ele recusou. De qualquer jeito, a Sapucaí está longe de ser território estranho para o paulistano. Ele estreou na plateia do altar dos bambas cariocas em 1998 – título do “Chico Buarque da Mangueira” (empatado com a Beija-Flor) – e veio até 2007.

As primeiras lembranças são mais remotas. “Ah, ‘Raízes’, do Max Lopes, na Vila Isabel (1987); ‘Jorge Amado, axé Brasil’ (1989); e, claro, ‘Ratos e urubus, larguem minha fantasia’, da Beija-Flor (1989)”, enumera ele, que aponta Renato Lage como principal referência estética e Joãosinho Trinta, na construção das narrativas.

Superada a euforia pela estreia na capital do samba, o carnavalesco investiu em um dos conceitos mais preciosos, na bula dos códigos cariocas: saber chegar. Esmerou-se na interação com o morro, as muitas famílias que formam a família Mangueira há quase um século. Frequentou churrascos, passou por quintais, visitou lajes, num “processo muito cuidadoso”, como ele mesmo define. E respeitoso – afinal, estava pisando o chão de esmeraldas cantado pelos “enredos” Tom e Chico.

Tudo muito bom, tudo muito bem – mas e o desfile? A presidenta Guanayra o deixou à vontade para decidir o tema. “Busquei dialogar com o Rio e a Mangueira de hoje”, explica ele. “Um enredo preto”. O carnavalesco invocou o livro “À flor da terra: o cemitério dos pretos no Rio de Janeiro”, de Julio Cesar Medeiros da Silva Pereira, como ponto de partida para sua proposta. A parte principal do título da obra batizou o enredo: “À flor da pele – no Rio da negritude entre dores e paixões”. Um libelo pela cidade banto, que se espalha a partir da Pequena África.

Além disso, lançou mão do conceito de “cria”, para exaltar o Morro da Mangueira e reverenciar o povo incrível que sustenta, desde 1928, a primeira estação (a partir da Central do Brasil) onde tem samba.

A vitória dos pretos, favelados e periféricos vai passar na Sapucaí em verde-rosa, na criação de Sidnei França.

Com o devido apuro, como convém na pista mítica a ser vencida pela primeira vez. Um mundo diferente. “São Paulo é tamanho; o Rio é sensibilidade, pesquisa apurada, acabamento”, compara o carnavalesco. “Não estou me cobrando ser campeão, apenas cuidando para que o processo seja cumprido corretamente”.

Para dar tudo certo, ele entregou-se ao trabalho na Cidade do Samba, apesar de ter seguido como carnavalesco do Vai-Vai, a mais tradicional escola paulistana. Domou a dupla missão com idas semanais a São Paulo – graças, também, ao domínio que amealhou dos segredos da festa no Anhembi, da qual hoje é estrela. “Lá, ganhei de todo mundo”, assume, misturando franqueza e serenidade.

Não falta estrada, para alguém que ia para quadra da Mocidade Alegre ainda bebê, e passava de colo em colo dos componentes. “Conheci escola de samba antes de aprender andar”, comenta. “Todos os meus códigos de sociabilidade vêm dessa vivência”. Começou a desfilar aos 7 anos, ainda na Avenida Tiradentes, Centro Velho de São Paulo. Passou pela ala das crianças e outros setores até que, em 2002, envolveu-se mais intensamente com a produção do desfile, cuidando da pesquisa.



França: diretamente de São Paulo para a estreia na Sapucaí com a Mangueira

Foto JM Arruda



No Anhembi, com Marília Pêera, enredo na Mocidade Alegre



Com Matheus e Cintya, mestre-sala e porta-bandeira da Mangueira

Dois anos depois, a presidente Solange Cruz aceitou a sugestão dele, para um enredo sobre Clara Nunes visando ao desfile de 2005. França, aos 23 anos, escreveu a sinopse – e a escola ficou em terceiro. À época, cursava Economia e, fluente em inglês, trabalhava numa empresa de tecnologia como intérprete e tradutor de manuais. Na primavera de 2008, novo convite o fez abandonar tudo: ser carnavalesco da sua escola de coração. “E foi numa emergência, a quatro meses do Carnaval”, recorda.

A correria terminou recompensada pelo título, com o enredo sobre o coração. França também liderou a Mocidade à alegria arrebatadora do tricampeonato em 2012/13/14 (o primeiro, “Ojuobá – no céu, os olhos do rei. Na terra, a morada dos milagres. No coração, um Obá muito amado”, é considerado por muita gente boa o melhor desfile do século na cidade). Após a festa de 2016, decidiu deixar a escola onde começou.

Disputado pelos grêmios paulistanos, fechou com a Unidos de Vila Maria. Em 2018 e 2019, realizou o sonho corintiano de trabalhar na Gaviões da Fiel. Em 2020, nova façanha: o inédito título da Águia de Ouro, com o enredo “O poder do saber. Se saber é poder... quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, celebração a Paulo Freire. Além disso, caprichou na formação acadêmica, estudando História, Moda e, mais adiante, concluindo pós-graduação em História da Arte. Hoje, é professor na

Em 2024, no Vai-Vai, França assinou o enredo mais discutido do ano, “Capítulo 4, versículo 3 – Da rua e do povo, o hip-hop: um manifesto

paulistano”. Uma ala denunciava a violência policial contra o povo negro, com homens de fardas do Batalhão de Choque caracterizados como demônios, usando chifres e asas vermelhas. Representação da música “Diário de um detento”, dos Racionais MCs, que narra a brutalidade do sistema carcerário, a criação rompeu a bolha carnavalesca – delegados soltaram nota de repúdio e até o governador Tarcísio de Freitas, entusiasta da “mão pesada” na segurança, criticou.

Tudo certo, na coerência do artista inegociavelmente progressista – o que também combina com a Mangueira. Na vida carioca, França escolheu a Tijuca para morar e ficar mais perto do seu Rio preferido, o suburbano. “Não sou muito de praia. Adoro ir ao Mercado de Madureira e achei incrível passar pela Grajaú-Jacarepaguá”, comenta, lembrando também um passeio com amigos por Paquetá.

O trabalho no barracão não assusta o carnavalesco. Ele passa os dias na sala no terceiro andar, onde desenhou fantasias e alegorias. Sereno, está sempre de bom humor, e adota temperança na interação com trabalhadores, componentes e diretores da escola. Não se deixou deslumbrar por ter chegado ao epicentro carnavalesco, e logo numa das mais importantes instituições da cultura brasileira. “Estou leve, feliz e, principalmente, me sentindo abraçado pela Mangueira, por sua estrutura, administração e comunidade. É um momento muito bonito estar aqui a serviço dessa escola gigantesca”, festeja, mostrando que, ao menos na alma, a tatuagem está feita.

‘Estrangeiros’ que se entregam ao amor verde-rosa



A Estação Primeira é do morro, mas também pertence ao mundo. Cativa paixões muito além das fronteiras da favela – como prova sua torcida, uma das maiores do Carnaval – e recebe quem chega como a famosa “sala de recepção” descrita por mestre Cartola. Aqui, exemplos de “estrangeiros”, como o carnavalesco paulistano Sidnei França, que se entregaram à paixão verde-rosa.

durante anos na Mangueira. Viveu muitos grandes momentos – o maior deles em 2011, no discurso emocionado que celebrou Nelson Cavaquinho, enredo da escola naquele Carnaval. Com sua voz inconfundível, o ator empunhou o microfone na concentração e comoveu a Sapucaí. Milton morreu em 2022, mas viverá para sempre nos corações mangueirenses.



ALCIONE
Não pode haver exemplo melhor que a cantora maranhense, hoje sinônimo de Mangueira. Ela subiu o morro lendário há meio século, aos 26 anos, e metaforicamente nunca mais desceu. Fundou a Mangueira do Amanhã e, merecidamente, virou enredo em 2024. Transformou-se em uma das caras mais famosas da escola.

MARIA BETHÂNIA
A baiana de Santo Amaro da Purificação desfilou em 1994, reverenciada no enredo “Atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu”, com os parceiros Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa. Voltou em 2016, no desfile em sua homenagem, que acabou campeão do Carnaval. Todo ano, marca presença no show de verão da escola.

MILTON GONÇALVES
O famoso ator, nascido em Monte Santo de Minas, desfilou



JÚNIOR
No Carnaval de 1969, o adolescente (nascido em João Pessoa, Paraíba, mas criado nas areias de Copacabana) Leovegildo Lins Gama Júnior foi com amigos tentar assistir ao desfile das escolas na Avenida Presidente Vargas. Com a ginga de quem, mais adiante, seria um dos maiores jogadores brasileiros, se esgueirou entre os tapumes para ver a Mangueira – e se apaixonar para sempre. Nunca mais deixou de desfilar. Dividiu seu coração entre o Flamengo (vestiu a camisa do clube em 872 jogos, recorde absoluto) e a Estação Primeira.

NELSON ROSA, VILLAS-BOAS E NÉLSON CSIPAI
Em 1998, pela primeira vez, a Mangueira aceitou compositores de fora da comunidade na disputa de samba-enredo. No fim, venceu a obra dos paulistas Nelson Rosa, Villas-Boas e Néelson Csipai (e do carioca Carlinhos das Camisas). O hino para o enredo “Chico Buarque da Mangueira” pavimentou a conquista do título (empatado com a Beija-Flor) e a ousadia de “abrir a ala de compositores” se espalhou pelas outras escolas.





ala das crianças

Aqui o samba não morrerá jamais

MENINOS E MENINAS APRENDEM NA BATIDA DO TAMBOR O VALOR DE SER MANGUEIRENSE



O ambiente de acolhimento e camaradagem das escolas de samba faz de quadras e desfiles espaços totalmente amigáveis a crianças. Dá gosto observar a sorridente integração dos pequenos, que se encantam com as passistas, admiram-se diante da bateria, se deixam hipnotizar pelo casal de mestre-sala e porta-bandeira. Não tem erro: é caminho sem volta na paixão carnavalesca.

Levadas por mães, tias, avós, parentes os mais diversos, as crianças desde sempre estiveram incluídas no carnaval da Mangueira. Doces relatos de meninos e meninas que, com medo da polícia ou da fiscalização, escondiam-se debaixo da saia de antigas baianas, são ainda hoje comuns entre componentes

mais antigos da escola. E ensinam como o amor ao samba se transforma em herança e legado.

Se em tempos idos havia a necessidade de driblar a repressão, hoje meninos e meninas podem acompanhar a Estação Primeira sem sobressaltos que não os do deslumbramento. Os pequenos e pequenas contam com um espaço só deles, a Ala das Crianças. São 80 vagas para aqueles que moram na Mangueira e sambistas mirins de outros locais. Para participar, é preciso ter entre 8 e 12 anos, medir até 1,5m de altura, ter disponibilidade para ensaiar e claro, apresentar o comprovante de matrícula em dia na escola. Afinal, a Mangueira é uma mãe, mas do tipo exigente.

Amor pelo samba, disposição e disponibilidade é o que não falta para essa turminha, como descreve



Maria Catarina de Souza dos Anjos, 66 anos, 59 de Mangueira, coordenadora da ala na qual começou a desfilar, com apenas 7 anos. Ela encara a missão com seriedade e leveza a grande responsabilidade. “A emoção de representar a escola é grande para um adulto, a gente fica toda arrepiada! Aí, você imagina para uma criança”, comenta. “Quando vamos entrar na avenida, alguns choram, pensam que não vão conseguir... mas a gente acolhe, abraça, e no fim, vale o trabalho feito o ano inteiro, esse amor tão forte e compartilhado”, ensina.

Não raro, também é necessária aquela dose extra de paciência. “Eles querem ficar todos na primeira fila”, diverte-se a coordenadora. “Mas até nisso você vê uma importância, o aprendizado de uma disciplina que não é familiar, não é mesmo?”, pondera.

Fundada em 1987, a Ala das Crianças é um dos muitos legados que Dona Neuma deixou à Verde e Rosa. O pesquisador Renato Moço, diretor do Departamento Cultural, lembra que a presença de alas infantis na escola remonta à década de 1960, pelo menos. “A inclusão das crianças nos festejos carnavalescos sempre foi prática muito comum no Morro de Mangueira”, relata. “No início do século 20, Júlio Dias Moreira (segundo presidente, da família da atual, Guanayra Firmino), já organizava o Bloco Infantil da escola, longínquo antepassado da Mangueira do Amanhã”.

Moço lembra ainda episódio curioso: indiretamente, a presença de crianças no desfile acabou decidindo um título no Carnaval. Em 1960, o regulamento penalizava atrasos no desfile. O Juizado de Menores da época causou muitas confusões para retirar as crianças, proibidas na pista naquele ano. Com isso algumas escolas – entre elas, a Mangueira – acabaram não iniciando o desfile no horário. Os motivos externos, causadores do problema, viraram pretexto para anular a regra e o título acabou dividido entre as cinco primeiras colocadas – uma delas, a Estação Primeira.

A relação com a Justiça no tema está pontilhada por idas e vindas. No fim da década de 2010, os pequenos foram proscritos novamente, e só voltaram em 2022. Tirar crianças das escolas de samba é medida cruel, porque poucos ambientes são mais propícios e acolhedores para meninos e meninas. Na Mangueira, então, tem tudo a ver – basta procurar, entre os adultos, a quantidade de gente que está na escola desde a infância. E para sempre.

Nossos sambistas-mirins honrarão a missão de garantir o futuro do samba!

Foto: JM Arruda





Foto JM Arruda

Chininha: presidenta de honra e maior liderança feminina da Mangueira

Matriarca das paixões

Renata Rodrigues



Para ela, a Mangueira foi destino. Nasceu filha de Dona Neuma, herdeira (com duas irmãs) de uma das mais importantes mulheres do quilombo Verde e Rosa, e neta de Saturnino Gonçalves, um dos fundadores e primeiro presidente da agremiação. Chininha, ou Ely Gonçalves da Silva foi secretária da diretoria. Vice-presidente. Primeira mulher presidente. Baluarte. Presidente de honra.

O destino é algo que a gente pode tentar entortar. Ou abraçar. “Nasci aqui, minha filha”, narra, segurando minha mão. “Nessa casa mesmo, que era claro bem menorzinha, numa época em que as parteiras traziam a gente ao mundo. Lembro até do nome dela: Dona Lucinda, irmã da Dona Lucíola. Era o dia 6 de dezembro de 1943. Meu umbigo está enterrado aqui nesse chão”.

O morro, a existência e a agremiação aqui se confundem e se misturam. “Vi a Mangueira com sua sede no Buraco Quente, onde eu e

minhas irmãs aproveitamos muito. Quando aprendemos a andar era hora também de começar a desfilar, vestidinhas de baianas de corda”.

Foram alas, departamentos, projetos sociais e, claro, títulos. Muitos títulos. Homenagens inesquecíveis. Contribuições para a cultura brasileira. É difícil achar algum desses pedaços onde não haja a contribuição dela.

Antes do Carnaval de 1962, com o enredo “Casagrande e senzala”, começou a compreender a estrutura da agremiação, cuidando dos trajes e registrando as atas das reuniões. Em 1965, foi criada a diretoria das Alas Reunidas, iniciativa inovadora. Em 1974, na gestão de Darque Dias Moreira, o Sinhozinho, era secretária. Já na nova sede da escola, o Palácio do Samba, ajudou a formar o primeiro quadro de sócios, no qual sua mãe, aliás, foi a integrante número 1 – Chininha ocupa o 13.

Ao ser indagada sobre o que mais lhe provoca saudades na Verde e Rosa, é para a mãe que o

coração se volta. Dela, desfia deliciosas histórias que envolvem características pelas quais Dona Neuma foi imortalizada: a personalidade forte, a devoção sem medidas pela escola e um forte senso de comunidade que a fez exercer uma espécie de maternidade estendida. E o famoso apreço por uma Brahma gelada.

A mãe de Chininha estava lá em 8 de maio de 1958, houve uma colisão de trens na altura da Mangueira. A tragédia contabilizou cerca de 200 feridos e mais de 120 mortos, a maior do tipo até hoje. (Não havia o viaduto, hoje marca registrada, construído entre 1969 e 1974.) A casa de Dona Neuma virou ponto de socorro aos muitos feridos, e de acolhimento aos trabalhadores que se deslocaram até ali para acudir os atingidos.

O então prefeito do Rio, Negrão de Lima, em reconhecimento aos esforços de Dona Neuma, perguntou do que ela precisava. “Uma linha telefônica”. O aparelho serviu para as famosas ligações por favor, o uso informal e coletivo da linha. “A gente era obrigada a atender, lembra Chininha. “Lá íamos nós subindo e descendo o morro, e tinha que ser rápido, né? Senão apanhava”, diverte-se.

Certa vez, vizinhas pediram ajuda para cuidar de dois meninos que não iam passar de ano. Dona Neuma foi buscar a dupla na escola, chegou em casa e escreveu uma pequena coleção de palavras. Os garotos alegavam que não sabiam ler, mas diante da lista, começaram a rir. O diagnóstico: eles estão fingindo. No fim do ano, os dois foram aprovados.

A benção, Dona Chininha! Chega de demanda. Que o tempo lhe dê ainda muitas ocasiões de

artigo

Orgulho de ser favela



Mais apaixonante das cidades, o Rio de Janeiro mistura mar, montanha e floresta para criar a beleza que se complementa com a generosidade do sol. Mas não se engane: a magia do cenário construído pela natureza nasce e vive nas favelas. Inexistiria o encanto dessa terra sem o povo preto, nossa força, resiliência e, sobretudo, as muitas gerações de artistas versáteis, surpreendentes, únicos.

Nossos antepassados não chegaram aqui por vontade própria. Arrancados de África pela barbárie do colonizador, subjugados e atirados nos tumbeiros, cruzaram o Atlântico nas mais terríveis condições. No fim da viagem sem volta, os sobreviventes tiveram arrancados identidade, língua, pertencimento, crenças, convívio familiar, social e étnico.

Poucas violências se comparam, em toda a aventura humana, às brutalidades da escravidão. Nossos ancestrais padeceram, por quase quatro séculos, no suplício que parecia durar para sempre. Acabou – mas a reparação jamais chegou. Abandonados à própria sorte, os ex-escravizados não receberam qualquer socorro para sobreviver no país viciado na desigualdade.

No Rio, obrigados a encontrar seus próprios territórios, subiram as montanhas que cercam as áreas baixas, inventando as favelas. Há um século e meio, dão o próprio jeito para viabilizar o cotidiano, oferecendo múltiplas lições ao povo do asfalto. As contribuições dos descendentes de África à vida carioca são inúmeras e inestimáveis – apesar do racismo, da intolerância e da exclusão que impõem a nós.

Os favelados acordam mais cedo e ligam a cidade, botam tudo para funcionar. Seu trabalho faz a roda girar, a fila andar; nós são desatados, erros consertados e soluções se materializam. Circulam por todos os cantos – no transporte precário, lotado e hostil – mas vão, sem falhar. E, o mais importante, voltam.

Muita gente equivocada reduz nossos territórios a miséria e desalento – mas por lá brotam maravilhas. Basta saber enxergar e ouvir: “Alvorada lá no morro, que beleza/ Ninguém chora, não há tristeza/ Ninguém sente dissabor/ O sol colorindo, é tão lindo, é tão lindo/ E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo...”, descreveram os mestres Cartola, Carlos Cachaca e Hermínio Bello de Carvalho, o nosso lugar no mundo, a Mangueira.



Guanayra Firmino

Pois é assim mesmo, no berço e morada da Estação Primeira. Os crias da favela somos guerreiros e artistas, conscientes e teimosos, apaixonados e decididos no orgulho por nosso território, nossa origem. Carregamos um lema com dimensão existencial: “Meu umbigo caiu na Mangueira”. Tem valor de passaporte, força de tatuagem, solidez de compromisso. Fala do corpo, mas explica a alma.

Sem xenofobia, nem exclusão de qualquer tipo. Está, também, no fundamento: “Minha Mangueira essa sala de recepção/ Aqui se abraça o inimigo/ Como se fosse irmão”. A paixão transcende os limites do morro e cativa pessoas mundo afora. Só chegar.

Acima de tudo, sedimentamos com altivez nosso jeito de existir. Com a batucada precisa, a dança sedutora, o ritmo irresistível, honramos os ancestrais e plantamos o amanhã. A alegria, por aqui, carrega a combinação verde e rosa que nos distingue. Nação, comunidade, beleza, integração, DNA – tudo no ritmo do surdo sem resposta.

“Todo mundo te conhece ao longe/ Pelo som do seu tamborim e o rufar do seu tambor”, mas não só. Buscamos o permanente empoderamento dos filhos de nosso território, para proporcionar a segurança social que o Brasil não garante. Assim, a Mangueira viabiliza futuros e transforma vidas, muito além das artes carnavalescas.

Mas é no samba que o morro se encontra com seu destino e vocação mais exuberantes. Rotulam-nos como periferia, mas somente na geografia toda errada do preconceito. Estamos, sim, no centro da cultura popular, protagonistas do Rio de Janeiro e do Brasil. A voz do gueto, dona das multidões.

Somos herdeiros de Cartola e Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca e Nelson Sargento; de Neuma e Zica; de Neide, Mocinha e Delegado; de Jamelão; de Xangô, Valdomiro e Tinguinha; de Saturnino, Zé Espinguela e Chico Porrão; das irmãs Fé, Caridade e Esperança, com seus nomes que são preceitos do bem viver, do modo como nos ensinou a africanidade.

Ano sim, ano também, a Mangueira exalta seu território e sua gente – e assim será até a eternidade. No orgulho de ser favela.

Presidente da Mangueira

museu virtual

Ancestralidade, memória e o poder feminino em Manguueira



Nininha Xoxoba: porta-bandeira e destaque



Sem a força, a determinação e a sensatez femininas, sequer haveria samba – e o Rio e o mundo seriam muito piores. Por isso, uma das instituições que servem de alicerce ao vigor da cultura popular mais carioca está assentada em suas mulheres. Vem daí, a precisão do aforismo: “Manguueira é uma mãe”.

Justamente por isso, seria quase impossível contar a história desta Estação Primeira sem falar de suas matriarcas, que ajudaram a fundar e sustentar a agremiação. Hoje, com o orgulho de ser favela, vive o amor por mães, avós e tias que consolidaram a maior escola de samba do planeta.

Em janeiro de 2025, a Manguueira lançou seu novo centro de memória digital, o Museu Virtual da Verde e Rosa. Pra democratizar o acesso aos bens culturais e resgatar memórias com foco nas mulheres que têm forte relação com a escola, o Museu e o projeto “Ancestralidade, memória e o poder feminino em sua história” agora oferecem um banco de dados digital e inúmeras outras informações de forma totalmente gratuita.

“Sabemos que os desafios ao falar de memória em instituições no Brasil em geral não são pequenos, e isso costuma se acentuar nas escolas de samba”, avalia a presidenta Guanayra Firmino, lembrando o preceito da história oral herdado pela africanidade dos grêmios carnavalescos. “Só que uma agremiação prestes a se tornar centenária, sempre pioneira, tem de lembrar seu passado, organizar seu legado, justamente para poder mirar no futuro que quer construir. Aí está a importância ímpar deste projeto que valoriza nossas matriarcas”.

O Museu Virtual da Verde e Rosa e o projeto relacionado às mulheres de Manguueira contém, além de documentos e fotografias, depoimentos gravados para perpetuar a memória de baluartes como Tia Fé, Dona Neuma, Dona Zica e Alcione, entre outras, além de promover a organização de um banco de dados digital.

Todo o material, disponível a pesquisadores, estudantes, sambistas e a população em geral, está

INICIATIVA LIGADA AO CENTENÁRIO DA ESCOLA, MUSEU VIRTUAL DA VERDE E ROSA PRESERVA OS SABERES DAS MATRIARCAS, SUA LIDERANÇA E IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DA MAIOR ESCOLA DE SAMBA DO PLANETA

acessível de qualquer parte. O conjunto foi construído a partir de busca ativa na comunidade e nos acervos pessoais de moradores e pesquisadores, que acompanharam a história da Verde e Rosa.

A digitalização de parte do acervo e o desenvolvimento do projeto duraram certa de um ano. Além do pioneirismo em reunir as informações, a Manguueira também inovou ao estabelecer acordo de cooperação técnica com a Faculdade de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que deu a sete mulheres da comunidade a oportunidade de receber diversos treinamentos, para se integrar ao projeto. Elas foram responsáveis por ir a campo junto de sete estagiárias do curso de História para, entre outras atividades, gravar depoimentos e colher documentos.

Entre as selecionadas está Emelyn Bastos, irmã da atual rainha de bateria, Evelyn Bastos. Como os outros beneficiados, ela passou por diversos treinamentos, além de formação teórica sobre como acessar acervos preciosos. Ao todo, 14 pessoas receberam bolsa para participar das atividades.

A pedagoga e historiadora Claudiene Esteves Pereira, vice-presidente Social da Manguueira, foi a responsável por coordenar todas as atividades relacionadas ao Museu Virtual. “Estamos falando de 14 mulheres que, mesmo não estando mais aqui, deram amor e sangue pela Manguueira, não podemos esquecê-las jamais”, prega. “Falamos de porta-bandeiras, passistas, de vidas fincadas em nossa história e em nossa quadra desde quando tudo começou, mas que talvez muitos sequer tenham ouvido falar. De agora em diante, isso será diferente”, garante.

São histórias como a da lendária porta-bandeira Neide Gomes Santana, ganhadora, cinco vezes seguidas (de 1972 a 1976), do Estandarte de Ouro. De tanto vencer, acabou considerada hors-concours – e só assim, outras guardiãs do pavilhão tiveram de chance de conquistar a honraria. Ou de Dona Neuma, filha de um dos fundadores, Saturnino Gonçalves, líder essencial da escola e da comunidade.

Entre os componentes da equipe estão o historiador e professor da Uerj Daniel Pinha, a museóloga Emanuelle Rosa, que já atua no Centro de Memória há cerca de dois anos, o pesquisador Renato Moço e o fotógrafo e cinegrafista Léo Queiroz. Eles contam com a estrutura viabilizada por recursos de emenda parlamentar do então deputado Marcelo Freixo (PT).

As iniciativas de preservação da memória lideradas por Guanayra Firmino envolvem produção, preservação, conservação e divulgação. São parte preciosa dos preparativos da Manguueira para seu centenário, que se completa em 2028. E na consolidação do futuro Verde e Rosa, que chegará sob inspiração das matriarcas.

Fotos acervo da Manguueira



Dona Zica: matriarca e uma das personalidades mais conhecidas da Manguueira

artigo

Viagem em Verde e Rosa pelos terreiros de Angola



Stefanye Paz



As mangueiras que margeavam as estradas de Angola pareciam nos dar boas-vindas. Como integrantes da Estação Primeira de Mangueira, não poderíamos ter recebido sinal mais significativo de que estávamos em terra familiar. Nossa delegação chegou

a Luanda em 17 de novembro de 2024, carregando não apenas as expectativas de uma viagem, mas o peso histórico de um retorno simbólico às nossas origens.

Nossa comitiva reunia diferentes setores da escola: Sidney França (carnavalesco), Victor Amâncio (comunicação), Rafaela Bastos (marketing), Adair Machado (departamento cultural), Digão e Vitor Art (direção musical), Taranta Neto e Peterson Oliveira (bateria), além de mim. Para a maioria de nós, era o primeiro contato com o continente africano, o que tornava cada momento ainda mais especial.

Durante quatro dias intensos, percorremos um roteiro que passou por Luanda, Benguela e Lubango. Em cada cidade, mergulhamos na história e na cultura locais por meio de visitas guiadas a museus e apresentações de grupos de dança e canto. Nos deslocamentos entre as cidades, o ônibus se transformava em nossa escola itinerante, onde o samba ecoava enquanto observávamos a vida cotidiana passar pela janela, compartilhando avistamentos e impressões.

Em Benguela, o Museu Nacional de Arqueologia nos confrontou com capítulo doloroso de nossa história compartilhada. Fundada em 1976, a instituição ocupa galpão construído entre os séculos 17 e 18, que serviu como armazém de pessoas escravizadas. O edifício de 8.000 m², erguido com blocos de pedra calcária (muitos trazidos do Brasil como lastro nos navios que retornavam vazios) guarda em suas paredes o testemunho silencioso de milhares de vidas arrancadas de sua terra.

Na Praia Morena, onde o museu está localizado, os vestígios do antigo cais ainda persistem, lembrando o local de onde partiam os barcos menores que levavam os africanos até o horror dos navios negreiros. Diante dos portões originais de madeira e ferro, experimentamos momento de profunda comoção ao imaginar as despedidas forçadas e o sofrimento daqueles que nunca mais retornariam à terra natal.

Enquanto no Brasil se comemorava o Dia da Consciência Negra, o destino nos reservou momento dos mais significativos da viagem. No quimbo (povoado tradicional angolano) Onculuwala, na cidade de Humpata, província de Huíla, fomos acolhidos pela comunidade liderada pelo Soba Tiyputo, e convidados a participar de danças, cantos e rituais.

A integração entre mangueirenses e angolanos atingiu seu ápice quando apresentamos nossa bandeira e entoamos o samba-enredo de 2025. Testemunhar nosso hino cantado pela primeira vez em solo angolano, acompanhado por palmas e instrumentos tradicionais da comunidade local, criou conexão única e emocionante entre os presentes, momento especial de congraçamento.

Em Luanda, enquanto o cotidiano da capital desfilava pelas janelas do ônibus – homens e mulheres trabalhando, crianças brincando, o comércio regional, as residências e o transporte em pequenas vans e motos – refletimos sobre as semelhanças com o Brasil, especialmente em relação à desigualdade social. Impossível não pensar que estávamos em um país que, assim como o nosso, carrega as marcas do colonialismo e apenas recentemente, em 11 de novembro de 1975, conquistou sua independência de Portugal.

Apesar do histórico de exploração compartilhado por Angola e outros países africanos como Congo e Moçambique, testemunhamos a força de um povo que preservou suas tradições. Valores, crenças, sabedorias, ritmos, cantos e instrumentos musicais – riquezas que os colonizadores não conseguiram aprisionar – serão celebrados no desfile da Estação Primeira, através do canto e da dança de nossa comunidade, formada por descendentes daqueles que chegaram ao Brasil pelo Atlântico Negro.

Nossa viagem transcendeu o simples conhecer. Conectamo-nos não apenas com Angola, sua gente e suas tradições, mas redescobrimos a própria Mangueira e nossa história. Voltamos para casa com a certeza de que, mais valioso do que descobrir novos horizontes, é retornar à nossa comunidade com olhares transformados e enriquecidos por essa experiência única.

Professora de Sociologia e doutoranda em Antropologia, é pesquisadora da Estação Primeira de Mangueira



Fotos de Victor Amâncio

Os mangueirenses no Povoado de Onculuwala, em Angola (acima) e a reverência ao pavilhão verde-rosa: viagem para aprofundar o conhecimento da ancestralidade



enredo

Herança banto formadora do Rio, e da Estação Primeira

DESFILE REVERENCIA ESCRAVIZADOS QUE VIRARAM O JOGO E FORMARAM A CIDADE



A batalha pela própria sobrevivência, a partir da viagem sombria e sem volta rumo ao desconhecido, desembocou na fundação de um povo que tem a alegria e a inventividade tatuadas no DNA. Nele, sobrevivem crenças, saberes, culturas e toda uma preciosa ancestralidade. A mistura forjou uma cidade única — a capital do samba e do Carnaval, que tem a Estação Primeira de Mangueira como estrela mais reluzente.

A saga dos povos bantos vai passar nessa avenida popular na maior escola do planeta, ela mesma uma herdeira dos africanos diaspORIZADOS. Em seu trabalho de estreia na Sapucaí, o carnavalesco Sidnei França propõe que os crias do Morro de Mangueira são herdeiros das etnias oriundas da África Central, que influenciaram decisivamente o jeito de viver no Rio.

O espetáculo mangueirense começa na kalunga, a travessia do mar entre a África e o Brasil — a linha do horizonte como metáfora entre os mundos físico e espiritual. É o ciclo bakongo, no qual a vida não tem



fim e a morte significa apenas uma passagem. O abre-alas apresenta o conceito da imersão kalunga.

Também tem lugar no início o matriarcado negro, as portadoras da força vital, assim como os iniques (correspondentes dos orixás no candomblé yorubá). Um tripé representa o portal para a vida dos pretos novos, como eram chamados os escravizados que chegavam ao Rio. As referências à morte se encerram.

No segundo setor, surge a formação banto do Brasil, começando com a vitória sobre a opressão religiosa. Surgem o afrocatolicismo, o Jesus negro, o sincretismo — a santíssima macumba, na versão mangueirense. A alegoria apresenta a mistura de religiões que nos caracteriza como povo.

Em seguida, desfilam as casas zungu, antecessoras dos cortiços no Centro carioca. Alas lembram os trabalhos dos bantos recém-libertos, que se tornaram metalúrgicos, barbeiros, quituteiras, aguadeiras, erveiros, lavadeiras. Aqui, aparecem ainda danças como lundu e jongo, com as passistas representando os oráculos dos rituais religiosos. Para tudo terminar num banquete de angu, comida típica daqueles tempo, e no carro das feiras e casas.

Construído na direção do final feliz no empoderamento do povo preto, o desfile da Mangueira entra no quarto setor celebrando o legado banto no Rio. A horizontalidade que iguala animais, humanos, plantas e pedras no mesmo campo; o cuidado, representado pelas comidas; a oralitura que veste a Velha Guarda; as palavras — denço, xodó, bagunça, caçula, moleque, quitanda, entre muitas outras — que deram sabor e beleza à língua careta dos colonizadores.

E, claro, muita festa. Uma ala representa o gurufim, grande festejo da vida na hora da morte. O ano novo carioca, inventado por macumbeiros para ocupar as praias; o samba, com as roupas clássicas dos malandros; o funk, na ressignificação inventada pela juventude. Aqui, se descortina o futuro, representado pela ala das crianças e o quilombo necessário para se criar os meninos — como no reino de Matamba.

Chega a grande celebração ao futuro banto, com os crias, descendentes das populações que chegaram na diáspora. A juventude negra periférica guarda o amanhã do Rio, na porrada e no jeitinho, a partir da formação na oralidade e nas religiões de África.

O último carro exalta a vitória da favela, que passa estilizada em afrofuturismo, como espaço de proteção às minorias, guardado pela Matriarca das Paixões. Ninguém melhor do que a Mangueira para encarnar tão nobre missão.

Viva a Estação Primeira dos bantos!

Fotos Leo Queiroz



entrevista YNAÊ LOPES DOS SANTOS

'O Rio de Janeiro não existiria sem os bantos'

SOCIEDADES DA ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL DERAM CONTRIBUIÇÃO ESSENCIAL PARA A FORMAÇÃO DA TERRA CARIOCA, ENSINA A HISTORIADORA YNAÊ LOPES DOS SANTOS, RATIFICANDO O ACERTO DO ENREDO DA MANGUEIRA



Para decifrar os maneirismos da metrópole que cresceu entre mar, montanha e floresta, convém estender o olhar ao outro lado do Atlântico, onde nasce a parte mais encantadora da aventura carioca. Somos, o Rio de Janeiro do samba e da Mangueira, banto, atesta Ynaê Lopes dos Santos, doutora em História pela USP (Universidade de São Paulo) e professora de História da América na UFF (Universidade Federal Fluminense). A herança dos povos da África Centro-Occidental está por toda parte — em especial no jeito de ser e se comportar da civilização carioca. Inclusive, entre muitos predicados, no inegociável orgulho da Mangueira com sua comunidade e seu território. A seguir, os principais trechos da entrevista.

O samba é banto?

Podemos dizer que o gênero tem muito da percepção política que a experiência banto ressignificou aqui no Brasil. Uma política que teve de lidar com os limites impostos pelo sistema escravista, mas foi forjada pelos princípios da comunidade, da ajuda mútua, do trabalho e da reconstrução de uma identidade centro-africana. Antes mesmo do samba, podemos ver isso com as irmandades religiosas negras, por exemplo. A de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é banto, pois foi construída por homens e mulheres da África central, tornando-se a mais poderosa do Rio de Janeiro. Durante

bom tempo era dona de metade da região da Rua Uruguaiana. A igreja que está lá é uma herança banto.

O que, na sua opinião, não pode faltar no desfile da Mangueira para expressar essa presença histórica?

Acho que uma coisa que pode evidenciar é a disseminação da presença banto como força de trabalho. Os homens e mulheres escravizados nesse território estão em toda a cidade, não só na Pequena África.

Mas não é o grande cenário banto?

A Pequena África é muito interessante, mas muitas vezes pode ser utilizada como armadilha para reduzir ao cantinho africano do Rio, quando a cidade é toda africana. Tem uma dimensão da sociabilidade nos espaços públicos — característica da vida carioca —, que também está muito vinculada à presença desses homens e mulheres da África Central.

Tem um exemplo?

As quituteiras, o que se fazia em volta dos chafarizes. Sou paulista e essa é uma dimensão que me chama muita atenção. O Rio de Janeiro é uma cidade que vive muito o espaço público. As pessoas se encontram na rua. E na minha percepção de historiadora que estuda escravidão e o Rio, isso é um legado desses escravizados. É ressignificar a possibilidade de viver o espaço público, mesmo nas condições mais adversas.



Foto Renata Rodrigues

A vida na rua decifra a cidade.

A Feira das Yabás tem grande influência banto. Um monte de barraquinha vendendo comida, com música e aglomeração no meio da rua. Como os botecos. Acho que isso se espalha para outras coisas, na construção de uma identidade carioca. A experiência do espaço público no Rio de Janeiro, dos cariocas, que é muito informada por essa junção, dessa vida dos bantos ainda na condição de escravizados. Como esses homens e mulheres eram tidos como menos revoltosos, menos afeitos a rebeliões, foram criando outras estratégias de resistência, mais sutis e constantes. Isso está na malemolência para lidar com imprevistos. Em parte é a malandragem no que ela tem de interessante, não no estereótipo.

Todo um rito de convivência comum de quem vive aqui.

Tem a coisa do espaço público, tem uma certa malemolência no relacionamento social. Por exemplo, no século 19, havia umas casas chamadas de Zungus, frequentadas, na maior parte das vezes, por esses escravizados bantos. Eram espaços de sociabilidade, da feitura de comida coletiva, de encontros amorosos também, mas com festividades. O angu era o prato principal.

O que você está dizendo é que quadra de escola de samba é banto.

Ah, claro. Porque tem tudo isso em quadra de escola de samba. Tudo bem, o samba, a música, não podemos dizer que é apenas banto, mas a quadra, o espaço, a convivência que tem ali é com certeza. Pode não ser totalmente banto, mas é predominantemente banto, porque o Rio é predominantemente banto. Por que tem escola de samba no Rio e não em Salvador (as duas maiores cidades escravistas do Brasil)? Pela forte presença banto no Rio e como ela foi relida e ressignificada ao longo dos anos.

Nessa capital banto, a Mangueira é a escola que exalta a favela em todo Carnaval. Cartola, o maior de todos os mangueirenses, compôs “Alvorada, lá no morro que beleza/ Ninguém chora, não há tristeza/ Ninguém sente dissabor”. Esse orgulho é um traço banto?

Podemos dizer que sim. Ou que é, em grande parte, informada pela experiência, pela identidade banto. É ter orgulho desse lugar que, em tese, não era para existir. A possibilidade de ressignificar essa condição imposta pelo colonizador/escravizador tem origem banto.

Está, então, pacificado que o Rio foi colonizado por escravizados bantos?

Olha, faz bastante tempo que a gente sabe que a origem de grande parte desses africanos é a África Centro-Occidental. Demoramos a aceitar isso, também, devido a uma intelectualidade bem racista do começo do século 20 no Brasil que não tolerava a presença dos bantos. Os bantos são apresentados como grupos menos desenvolvidos, o que fez muita gente relegar um pouco o que significa essa colonização, não só no Rio de Janeiro, mas em grande parte do Sudeste, incluindo São Paulo. Um espaço que é muito interessante para entender essas origens e as ressignificações dessas origens africanas são as irmandades negras que são criadas aqui.

O que, afinal, é banto?

São duas possibilidades de resposta. Boa parte das sociedades africanas eram ágrafas, sem escrita ou com uso muito específico da escrita. Há mais ou menos 4.500 anos, houve uma expansão que teria começado onde hoje está Camarões. A população que vivia ali conseguiu se reproduzir com certa facilidade, a salvo de grandes intempéries, como as grandes secas comuns em certas partes da África. A primeira percepção é essa: um tronco linguístico

que está vinculado, do ponto de vista histórico, com a migração de um povo que vai ocupar, ao longo de alguns milhares de anos, esse território ao sul do Saara. A partir dessa movimentação, desenvolveu-se uma série de manifestações e dinâmicas socioculturais historicamente atribuídas à África tradicional. O princípio de identidade coletiva, a noção de família extensa, a oralidade como principal veículo de aquisição e transmissão de conhecimento, dimensões da experiência social que se encontra em várias sociedades na região.

E a outra?

Mais recentemente, há a vinculação a uma história próxima à nossa, do tráfico transatlântico, que divide os africanos sequestrados a partir das macro-regiões de onde eles saíram. Entende-se como bantos os grupos africanos que viviam na África central, no que hoje seria Angola, Congo, Gabão – países que foram territórios dos quais saíram milhares de africanos na diáspora. Além de viverem na mesma macro-região, essas sociedades tinham línguas próximas e organizações sócio-políticas semelhantes.

Como se estabelece essa divisão? Quais são os outros troncos?

Antes, precisamos lembrar a influência terrível do tráfico de escravizados, um dos momentos mais tenebrosos da história humana. O tráfico de africanos se organizou em diferentes partes da costa africana, fazendo com que milhares de sociedades distintas fossem escravizadas. Isso porque, além dos diferentes interesses dos traficantes, havia uma máxima entre os compradores de escravizados que tentavam não adquirir pessoas de origens próximas, para dificultar que suas vítimas, homens e mulheres, desenvolvessem relações de solidariedade, dificultando possíveis rebeliões. Nascia assim a principal divisão, entre bantos (África Central) e sudaneses (África Ocidental).

Sudaneses são outro tronco linguístico?

Na realidade os sudaneses eram um outro grande grupo linguístico composto pelos povos que viviam na África Ocidental, desde o Senegal, passando por Nigéria, Togo, Benin.

O território é o único ponto comum?

Ainda que haja grande diversidade étnica, a proximidade faz os povos compartilharem algumas características. As línguas faladas são semelhantes. Em alguns casos, o sistema de crenças é o mesmo. Esse território comum também permite o estabelecimento de rotas de comércio, como os muitos mercados que existiam nas cidade-Estado yorubás. E viabiliza também a sistematização e compartilhamento do saber, como a metalurgia praticada pelos bantos.

Foi decisão dos colonizadores a vinda dos bantos para o Rio?

Havia várias rotas de tráfico, que levavam em consideração a proximidade e também os perigos impostos pelas correntes marítimas. A que chegou aqui privilegiou os bantos por ser mais rápida e segura. Então, em 60 dias, no máximo, os tumbeiros faziam a viagem de Luanda, Cabinda e Benguela até o Valongo. Os yorubás e nagôs iam mais para Salvador e outros portos da região nordeste do país. E no caso do Rio, de fato, 80% da população que chegou aqui vieram da África Central, que seria esse grande grupo banto. Então, de verdade, o Rio foi colonizado pelos escravizados africanos bantos. Eles construíram a materialidade desse espaço que a gente chama de Rio de Janeiro desde o século 17, sobretudo a partir de meados do século 18 e ao longo do século 19, quando o Rio se transformou na maior cidade escravista do mundo.



Roda de samba da Pedra do Sal: raízes do Rio

Foto Alexandre Macieira/Riotur

Os sudaneses valiam mais nesse mercado?

Depende um pouco da época de que estamos falando, mas o que definia o preço de um escravizado era, sobretudo, sua idade e condição física. Mas os traficantes e proprietários criaram também estereótipos em relação aos escravizados para vendê-los. Vem daí a ideia dos bantos mais submissos, menos afeitos a revoltas, e por isso vantajosos para os futuros compradores. Enquanto os sudaneses eram entendidos como mais altivos e revoltosos, mas com experiência no comércio – qualidade cobiçada por compradores das cidades. E os europeus, sempre agarrados a estereótipos, achavam os sudaneses mais bonitos.

Literalmente?

Bonitos na perspectiva europeia, com traços que eles rotularam de mais finos.

Como o Rio se consolidou nesse lugar de capital banto no Brasil?

No século 18, a descoberta do ouro nas Minas Gerais causou rebuliço absurdo na colônia. Faz até a capital sair de Salvador para o Rio, em busca de controle maior da riqueza que seria extraída e levada para a Europa. Os portugueses já tinham rotas de tráfico estabelecidas naquela região, então eles intensificaram o comércio, porque sabiam que os bantos conheciam a metodologia da mineração. Havia interesse dos traficantes e proprietários no conhecimento que esses africanos tinham para garantir o sucesso da exploração. É importante pontuar isso, porque temos um problema muito grave na maneira como se estuda a escravidão no Brasil: a ideia de que os escravizados vieram sem nada. Não existe isso. As pessoas trouxeram seus conhecimentos, uma série de técnicas, inclusive de trabalho. Os bantos carregavam ainda saberes vinculados à cura, e não por acaso foram os principais barbeiros-cirurgiões e curandeiros da cidade, numa época em que era muito rara a presença de médicos no Brasil.

Isso é quando?

Até o final do século 19, as pessoas iam aos sangradores, nos barbeiros-cirurgiões, nos chamados feitiçeiros e feitiçeras. Eram todos homens e mulheres africanos ou filhos de africanos. Eram eles os responsáveis pela curava no Brasil.

Os bantos têm subdivisões?

Sim. Existiam as muitas etnias que compunham

esse grande grupo. No período da escravidão essas etnias foram reagrupadas a partir dos portos de procedência. Então tínhamos os angola, congo, benguela, cabinda, dentre outros, que falavam línguas próximas como quicongos, e o quimbundo... Mas é preciso dizer que, naquela época, os africanos não se viam como um mesmo grupo, entendido assim pelo fato de serem negros. Isso é imposição do sistema escravista. Claro que ao longo da história, eles ressignificam essa identidade imposta pela colonização e escravização como estratégia de afirmação da sua humanidade. Mas precisamos dizer sempre o quão diverso é o continente africano e a África que construiu o Rio de Janeiro

Onde estão as provas ou os resquícios dos bantos no Rio de Janeiro. Todo mundo fala na Pequena África. Tem mais?

Tem na língua, várias palavras de origem banto – bagunça, moleque, denço, gangorra, cachimbo, fubá, macaco, quitanda. A música como repertório da construção de resistência – e o samba é isso em grande medida – com certeza é banto. Outro exemplo são os VISSUNGOS, que eram cantados em senzalas do Vale do Paraíba e interior de Minas gerais. O próprio candomblé, por mais que haja várias disputas de purezas relativas ao jeje, tem base nos diásporizados da África Central, os bantos. No Rio de Janeiro, a dimensão da experiência negra é muito vinculada às heranças banto.

Quais as vantagens de o Rio se aceitar como banto?

Primeiro reforça a capilaridade que os africanos tiveram na construção da cidade. E é entender que aqui não é uma pequena África, mas muitas pequenas Áfricas juntas, a maior parte delas banto. Além disso, a construção da identidade carioca é devedora das mais variadas dimensões da negritude, de como essa negritude se constrói a partir da origem, numa série de experiências culturais, sociais, políticas, religiosas.

Uma cidade que vai se entender melhor assumindo essa identidade.

Acho que ela pode se entender melhor, e, sobretudo, olhar de outra maneira para seu passado. Consequentemente, vai redefinir presente e futuro. Então, tem uma dimensão do reconhecimento do que há de positivo e potente dessa herança banto, que passa pelo reconhecimento da violência que a escravidão e o racismo impuseram para esses homens e mulheres e seus descendentes. Mas não há dúvidas: não existiria o Rio de Janeiro sem os bantos.

artigo

Cais do Valongo, epicentro de nossa história (e mazelas)



Aydano André Motta



O Cais do Valongo e o Cemitério dos Pretos Novos têm mais importância, para o entendimento da dinâmica social do Brasil, do que os campos de concentração para a Alemanha. Nem o nazismo, com todas as suas barbáries, se compara à monstruosidade da escravização imposta pelos colonizadores à África. Tal realidade enfatiza a importância do sítio histórico nas franjas do Centro carioca – ponto de partida do enredo da Mangureira em 2025.

Nenhum lugar sobre a Terra recebeu escravizados na quantidade do Rio de Janeiro. Seus valores, crenças e hábitos sobreviveram ao massacre étnico, físico, espiritual e cultural que durou 350 anos, tatuando a influência por todos os setores – num exemplo entre tantos, na força e na magia das escolas de samba. Ainda assim, sucubimos ao racismo, no martírio cotidiano dos corpos pretos.

Os brasileiros não fomos capazes de construir uma instituição sequer para preservar a memória de chaga tão devastadora e determinante. Como desconhecer a história é condenar-se a repeti-la, temos de virar esse jogo.

Nesse contexto, o Cais do Valongo afirma-se como tesouro. Descoberto em 2011 nas reformas da região portuária, o lugar, construído em 1811, recebeu pelo menos um milhão de africanos dos tumbeiros que atravessaram o Atlântico. Em 2017, foi elevado pela Unesco a Patrimônio Mundial da Humanidade, pelo inestimável valor histórico, mas nem assim passou a receber o tratamento devido.

Visitantes apressados ou distraídos passam batidos pelo sítio, quase clandestino na informação precária de sua relevância. Parece uma calçada meio diferente que, sem informação, não transmite a ideia do que aconteceu ali no passado. Dá tristeza pela oportunidade perdida.

Do outro lado do oceano, mais ao norte, a Alemanha ensina como enfrentar as próprias tragédias sociais. Empenhado em pedir desculpas permanentemente pelo nazismo, o país mantém ao 300 memoriais, “para lembrar

e não repetir o erro”, inclusive campos de concentração preservados em todo seu horror. Nem o capitalismo se impõe: a visita é invariavelmente gratuita.

No campo de Dachau, perto de Munique, pequeno museu guarda objetos e publicações que contribuíram na construção da intolerância. Charges de jornal dos anos 1920 e 1930 desenhavam “judeus espertos” surrupiando valores e bens de alemães abobados (língua de fora, olhar perdido). O lugar subjugou judeus, ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová. Havia trabalho forçado, experimentos médicos antiéticos e extermínios. No portão, a frase que arrepiava: “O trabalho liberta”.

Sachsenhausen, em Oranienburg, 30 km ao norte de Berlim, foi dos mais importantes campos de concentração, por servir como projeto-piloto de todo o projeto de extermínio nazista. A história está contada em áudio guias, com opção em português. Fundado em 1936, promoveu trabalhos forçados que viraram mão de obra para diversas indústrias – muitas delas, marcas valorizadas até hoje no mercado. Houve, claro, experiências médicas cruéis e execuções. As câmaras de gás estão lá, numa memória contundente da barbárie.

Em Berlim, ainda está de pé o edifício neobarroco que abrigou a sede da Gestapo, a polícia secreta do Reich. Na parte externa, fica a Topografia do Terror, detalhado painel multimídia que se aprofunda na barbárie alemã entre 1933 e 1945. Leva tempo para ver tudo – mas vale demais a pena.

O Brasil sequer começou a tratar seu passado horroroso como deveria. O descaso com o Cais do Valongo nos define, tragicamente, como sociedade. Sorte termos escolas de samba como a Mangureira, cumprindo o cidadão papel de salvaguardar a história e valorizar as contribuições dos negros que viraram o jogo, disseminando sua encantadora cultura nesses trópicos tão cruéis.

Jornalista, editor da Revista da Mangureira



barracão

Indústria onde o trabalho nunca cessa

CRIAS COMANDAM EQUIPE RESPONSÁVEL POR CONSTRUIR FANTASIAS E ALEGORIAS



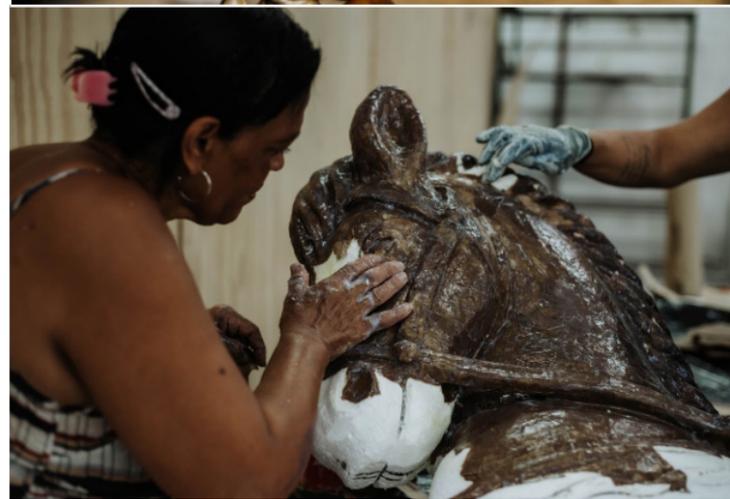
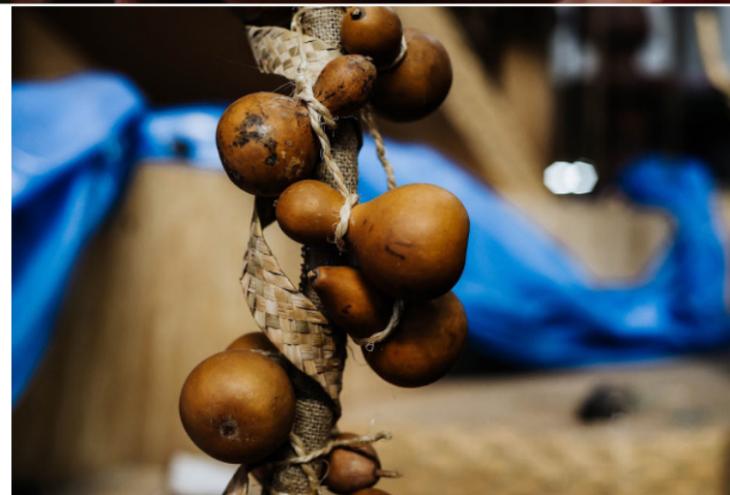
A festa que se destrói para renascer em seguida, numa ciranda contínua e infinita (como no conceito de Exu, orixá do movimento), se expressa com toda a intensidade no barracão. Uma indústria empírica, que segue pulsante entre os carnavais, desmanchando o anterior para começar o próximo, oferece lições de eficiência e criatividade para o Brasil aprender.

A Mangueira mantém estrutura de primeira linha para construir alegorias e fantasias, com profissionais treinados de todos os setores envolvidos no processo de produção. O espaço de 6 mil metros quadrados, com quatro andares, chega a funcionar 24 horas por dia quando se aproxima o desfile, muitas vezes com perto de 200 trabalhadores simultaneamente.

Ferreiros, carpinteiros, eletricitas e iluminadores para as alegorias; artesões, pintores e escultores na

decoreção; no ateliê, costureiros e modelistas nas fantasias e outros adereços. Tudo sob comando de Tânia Bisteka e Diego Firmino, crias do Morro de Mangueira que dirigem o barracão. “Para mim, começa na limpeza, no cuidado com a organização de não entulhar as coisas, facilitando inclusive a segurança”, receita ela. Diego se concentra mais na logística necessária à construção das alegorias. Discreto, de poucas palavras, passa dias e noites absorvido pelo trabalho.

Ele e todos os trabalhadores cultivam uma obsessão: a segurança. E sabem que o único caminho é a prevenção. Assim, além de quatro brigadistas por turno, com vigilância 24 horas, há uma preocupação permanente no uso de trajes de segurança e no cuidado com o manejo de equipamentos e materiais. “Não podemos vacilar”, alerta Diego. “Sabemos da responsabilidade com as pessoas e com a escola”.



Fotos de Renata Rodrigues

O trabalho circular começa dias depois do desfile, quando se inicia a desmontagem de carros e fantasias, para venda a outras escolas e reaproveitamento. Em agosto, é dada a partida para o Carnaval seguinte, com a parte da ferragem nas alegorias e confecção dos protótipos das fantasias. Em seguida, vem a reprodução para as alas e a decoração dos carros. Na virada do ano, chegam os testes com iluminação e outros efeitos.

O trabalho liderado pelos dois novatos impressiona veteranos na festa, como o diretor de Carnaval, Dudu Azevedo. Com passagens por Grande Rio, Salgueiro e Beija-Flor, ele elogia a presença de mangueirenses-raiz tocando o processo. “Em outras escolas, eram pessoas arregimentadas no mercado. Aqui, é a turma do morro, que entende o significado da Mangueira, mas mantém o profissionalismo. A emoção se torna um alicerce”, analisa. “Muito bonito testemunhar isso”.

Dudu ainda destaca a preocupação da presidenta Guanayra Firmino de combater a precarização dos trabalhadores. Na Verde e Rosa, ou é CLT ou MEI. Sem atalhos nem gambiarras. “Temos uma dinâmica muito interessante, com reuniões grandes e muito diálogo”, comenta o diretor. “Todo mundo jogando junto. O método vai deixar um legado importante”, aposta.

Até a hora de partir para a Avenida. “É a maior emoção ver partir do zero, acompanhar todo o trabalho, até a hora de passar na pista e depois o desmonte para começar tudo outra vez”, narra Bisteka, que ainda lidera o comboio das alegorias até a Sapucaí. Emoções secretas, mas igualmente intensas, que mobiliza os bambas dos bastidores.



A comissão de frente no ensaio de rua: busca incessante pela perfeição

Foto JM Arruda

comissão de frente

Abertura para exaltar a diversidade

DESFILE DA MANGUEIRA CELEBRARÁ O CALDEIRÃO CULTURAL BRASILEIRO



Coreógrafos da comissão de frente da Mangueira, Lucas e Karina chegaram ao time da escola para o Carnaval de 2024, em mais uma aposta da presidenta Guanayra Firmino, esta para a disputa mais pesada de todos os quesitos. A dupla chegou após conquistar o Estandarte de Ouro pelo Paraíso do Tuiuti, desembarcando numa escola com longa tradição no prêmio: sete vitórias ao todo – 1998, 1999, 2004, 2007, 2011, 2014 e 2022.

Para temperar tamanha responsabilidade, nada

melhor do que a paixão. Formado em jazz, balé clássico e contemporâneo, Lucas passou pela Escola Estadual de Danças Maria Olenewa. No Carnaval, foi coreógrafo do Império da Tijuca e 2020 e 2022, com atuações aclamadas por público e crítica.

Desde muito pequeno, virava as noites assistindo aos desfiles das escolas de samba com sua avó. “Dormir era só depois das 6h da manhã”, recorda. “Fui essa criança”. Em 2009, recebeu convite para atuar como bailarino em uma comissão de frente. Em seguida, virou coreógrafo.

Karina Dias foi primeira bailarina e atualmente é professora do Ballet do Teatro Municipal e da Escola de Danças Maria Olenewa. Também foi jurada do quesito na Série Ouro. Sua relação com o Carnaval começou na infância, através de um tio diretor de ala.

Na chegada à Mangueira, não decepcionaram. No enredo em homenagem a Alcione, os bailarinos

“flutuarem” na Sapucaí, gerando impressionante efeito de inclinação dos seus corpos. E garantiram os 30 pontos do júri.

Agora, os dois, que já se conheciam muito antes de atuar em conjunto, sentem-se abraçados tanto pela presidenta Guanayra Firmino como pela comunidade. E garantem que a conexão, que chamam de “intimidade artística”, impacta muito positivamente a rotina. “Trabalhar com pessoa que você não conhece... deve ser difícil, né? Ainda mais que é algo muito intenso. A gente fica dia, noite, madrugada...”, reflete Karina. “Você pode pegar duas pessoas incríveis, maravilhosas, às vezes não dá aquele match, né? Não me imagino mais no Carnaval sem a Karina”, conclui.

Os dois procuram inspirar seu time com alguns valores: é preciso sempre fazer um trabalho digno, sair da Avenida feliz, especialmente com o espetáculo apresentado. A nota, para eles, é consequência de pesquisa, entrega e trabalho. “A nota vem como conclusão. Para brindar todo o processo”, avalia Lucas. “Em 2024 na Mangueira, quando veio o resultado, ninguém conseguiu falar mais nada. A gente só chorava, sabe?”, acrescenta. “Nada como um trabalho bem feito. Porque deixamos o nosso coração. A gente deixa de viver muitas coisas com a nossa família”, narra Karina.

Para 2025, eles mergulharam fundo na história banto, envolvendo toda a equipe. “Nossos bailarinos

‘O primeiro, mais importante e maior requisito para trabalhar com o Carnaval é a paixão. Tem que amar. Importa às vezes mais do que formação e experiência. Tem que se entregar. Definitivamente não é para todos’

KARINA DIAS

‘Uma das maiores emoções que sinto na vida é estar ali e ouvir o apito da sirene na Avenida. É algo inexplicável’

LUCAS MACIEL

têm essa vivência e ancestralidade”, observa Karina. “Acredito portanto que o ponto alto da Comissão de 2025 seja exatamente a energia que eles estão emanando com sua própria história de vida”, explica.

“Uma característica muito forte do nosso trabalho, é que gostamos de emocionar”, destaca Lucas. “Esse enredo traz uma questão de representatividade muito forte, para a população do Rio de Janeiro, do Brasil. Queremos fazer as pessoas pretas se enxergarem ali”.

A diversidade da equipe será ponto forte e uma maneira de contemplar talentos que talvez, em outros espaços, não fossem vistos. “Fizemos workshops de dança afro e de funk. O Brasil apresenta tantas expressões culturais

que, mesmo sem obrigado a dominar todas, precisamos ter a disposição de aprender”, ensina.

E o resultado precisa ser, sobretudo, emocionante. “A comissão carrega a função de ir no sentimento de quem está assistindo. Acho que ela foi para esse lugar de passar uma mensagem, algo bonito ou uma coisa meio, ‘uau, que legal! Como eles fizeram aquilo?’, entende? E não é só para o jurado, mas para todos”, analisa Lucas.

“Amo os vídeos de reações do público. Porque a gente sente ali as pessoas gritando”, atesta Karina. “Você vê o resultado na cara das pessoas. Quando vemos os espectadores emocionados, mobilizados pela nossa apresentação, temos a sensação do dever cumprido e saímos da Avenida tranquilos”.

bateria

Ritmo de coerência (quase) centenária

TEM QUE RESPEITAR A ORQUESTRA MANGUEIRENSE EM SEU ESTILO ÚNICO E INIGUALÁVEL DE FORÇA E PERÍCIA



A Mangueira completará um século de existência, em 2028, e sua bateria só terá sido comandada por nascidos na favela que inventou e abriga a escola. A dinastia dos ritmistas tem como atuais inquilinos Rodrigo Explosão e Taranta Neto, filhos de mestres que ocupam o posto rezando pela cartilha escrita por bambas lendários ao longo dos últimos 97 anos. Está muito longe de ser pouca coisa.

Nascido e criado no Morro da Mangueira, Taranta Neto desfilou ao lado do seu avô como diretor mascote em 2003 e 2004. Foi mestre da Mangueira do Amanhã por dez anos e em 2010, convidado a assumir posto de diretor da bateria “adulta”.

Para Rodrigo Explosão, é um retorno. Ele estreou na

avenida sob o comando do pai, Alcir Explosão. Também integrou a Mangueira do Amanhã, e aos 17 anos se tornou um dos diretores de bateria principal. Em 2016, Rodrigo assumiu com sua antiga dupla, Vitor Art (atual diretor musical), o comando geral da Tem Que Respeitar Meu Tamborim, ficando até 2018, quando voltou a ser ritmista.

Agora juntos, os dois mestres carregam identidade e fundamento num DNA radicalmente verde-rosa. Sob sua liderança, a orquestra mangueirense bateu na pontuação máxima em 2023 e 2024. No segundo ano, ainda levaram o Estandarte de Ouro, apenas a segunda vez em que o maior prêmio do Carnaval vai para o morro. O primeiro havia sido conquistado por Taranta pai, mestre entre 1984 e 1995.

“Foi um trabalho árduo”, descreve Taranta Neto.



Os mestres Taranta Neto (à esquerda) e Rodrigo Explosão, com a rainha de bateria Evelyn Bastos

“Também misturamos uma rapaziada mais antiga, mas trouxemos muita gente nova, e o resultado veio”, festeja. Rodrigo acrescenta que a chegada dos dois foi muito celebrada pela comunidade. “Fazemos por eles também”, atesta.

A dupla sabe que os desafios para o Carnaval de 2025 não são pequenos. Há 25 anos, a escola não conquistava a nota máxima no quesito por dois anos consecutivos e agora a bateria está diante do desafio de repetir o desempenho pelo terceiro desfile em sequência.

Serão 250 ritmistas destacados para a missão, exemplo de inclusão e diversidade. Antes, a escola vetava totalmente a participação de seus integrantes em outras baterias; hoje os mestres são mais flexíveis, conectados aos novos tempos, mas mantêm apenas uma exigência: não é permitido sair em outra agremiação no mesmo dia do desfile da Mangueira. A escola será a última a desfilarem no domingo de Carnaval.

Evoluções são bem-vindas, mas algumas chegam para firmar tradições. Entre o orixá que comanda a batida mangueirense. Não é simples arrancar tal informação os mestres. Encostados num muro da parte externa do Palácio do Samba, eles desconversam, baixam a cabeça, resistem, até admitir que tem firmado o toque das caixas para Iansã.

Noutro tópico, avaliam que a ousadia atualmente tem outro formato: a fase das paradonas, por exemplo, passou. “Não cabe mais”, decreta Taranta. “Hoje em dia a qualidade técnica das baterias está muito alta, tornando a briga muito pesada”, constata. “A exigência no nível musical é imensa”, ecoa Rodrigo. “Simplesmente parar uma bateria pode não querer dizer nada”.

E quis serão os novos caminhos? Algo baseado nos contratempos, muito comum em outros gêneros, e agora presente o Carnaval. Tudo a ver com a busca pelas raízes africanas que se espalha por todas as escolas.

As inovações surgem em lugares improváveis. Rodrigo não se acanha em admitir que, por vezes, se tranca no banheiro de casa, no morro, para cirar bossas e meneios. “É meu estúdio”, ri. “Às vezes o único lugar onde dá para ficar e não deixar a ideia ir embora”.

O tema sobre os bantos ajuda muito. “O enredo e o samba que nos proporcionaram pensar bastante na questão da musicalidade”, aponta Rodrigo. “Tivemos muitas deixas que estamos explorando, inclusive com bossas que ajudam não só a bateria, mas toda a escola, com ritmos como o jongo e o funk, além do toque da capoeira”.

Muitos motivos e estratégias para trazer mais 40 pontos e escrever mais um capítulo virtuoso da odisseia (quase) centenária de coerência da bateria do surdo sem resposta.

Vida longa ao ritmo mangueirense!



Foto JM Arruda





Fotos de Mário Grave

mestre-sala e porta-bandeira

A magia arrebatadora do Casal Furacão

MATHEUS OLIVÉRIO E CINTYA SANTOS, GUARDIÕES DO PAVILHÃO DA MANGUEIRA, GARANTEM AS NOTAS 10 COM SEU ESTILO EXCLUSIVO, CARACTERÍSTICO DA ESCOLA



Ninguém fica indiferente a um furacão – ainda mais se ele, em vez de destruir, rodopia e encanta no feitiço verde-rosa. A magia acontece pelo talento e determinação de Matheus Olivério e Cintya Santos, mestre-sala e porta-bandeira da Mangueira, que cativam o Carnaval com seu estilo único, exclusivo da dinastia dos guardiões do pavilhão da Estação Primeira. A mistura bem dosada de precisão e força transformou o fenômeno meteorológico em apelido.

O Casal Furacão se juntou para o desfile de 2023, no encontro forjado pelo destino que esculpe as parcerias carnavalescas. Matheus, que estreara em 2017 como primeiro mestre-sala, indicou Cintya para o lugar deixado subitamente por Squel, em meados de 2022. A nova porta-bandeira, niteroiense de nascimento, dançava na Porto da Pedra, chamando atenção pelo estilo contundente.

Na vida real longe da folia, Cintya, 38 anos, casada, três filhos, ralava como diarista desde a pandemia de

as dançarinas do pavilhão, desfila opulência e força, sem perder a exuberância obrigatória do segmento. “Se imitasse as outras, perderia minha essência”, decifra ela, que, garantem os mais antigos, lembra Neide, a maior porta-bandeira de todos os tempos mangueirenses.

A estreia teve percalços, produzidos pela carece preconceituosa dos jurados, que tiraram décimos da apresentação apenas por ela não se render à mesmice. Com somente uma nota 10, a artista temeu pelo futuro. “Só chorava, pensando que voltaria para a faxina”, relembra. Mas a presidenta ignorou os cacoetes do júri oficial e renovou com a porta-bandeira – medida que se revelou ainda mais acertada no Carnaval seguinte. Em 2024, o Casal Furacão gabaritou, com quatro notas 10, a Xanadu dos mestres-salas e porta-bandeiras.

“Tirei um saco de cimento das costas”, comenta Cintya, aliviada. Agora atravessa a Ponte Rio-Niterói para curtir em toda sua plenitude a nova comunidade, como trata o reino da Estação Primeira. E, afinal, saboreia em paz a comparação com Neide. “Isso é a maior honra de todas”, completa ela, a segunda porta-bandeira (depois de Marcella Alves), em quase cem anos de escola, que não nasceu no morro.

Todo o tempo, teve a parceria, o apoio e o cuidado de Matheus Olivério, o mestre-sala da Mangueira desde

covid-19 – e foi num dia de trabalho pesado que surgiu o convite. A presidenta Guanayra Firmino ligou para a porta-bandeira, que não acreditou na conversa. “Senhora, eu no meio de uma faxina, e um telefonema desse”, respondeu, toureando a própria impaciência. A dirigente fez uma chamada de vídeo para provar que era ela mesma. Enfim, deu certo.

Contrato assinado, terminou a carreira de diarista. “A partir de hoje, você é funcionária da Estação Primeira de Mangueira”, decretou Guanayra. “Eu me entreguei completamente”, resume Cintya, que, filha e neta de porta-bandeiras, não repete o estilo “bailarina delicada” tragicamente em voga na atualidade. Dona de corpo fora do padrão totalitário que tenta confinar

2017. Ele encaixou à perfeição com Cintya por obedecer o fundamento da dança na escola, com pernada e movimentos de capoeira e sapateado, além do torneado e dos rodopios. Exatamente como o maior de todos – e sua inspiração suprema –, Mestre Delegado. “Desde cedo, tentava imitar os passos que ele criou”, confirma.

Matheus, 36 anos, tem outro personagem lendário da constelação verde-rosa em sua biografia, de maneira ainda mais direta: é filho de Xangô da Mangueira. Começou na escola aos 6 anos, como passista – “Nunca cheguei perto da bateria, tinha medo dos ritmistas” – de onde migrou para a função definitiva, formando o segundo casal, com Debora. “Nunca ambicionei ser o primeiro, só queria dançar pela minha escola”, relata.

A saída abrupta de Raphael levou o então presidente Chiquinho da Mangueira a promover Matheus. “A mãe chamou, chegou seu momento”, convocou o dirigente. Como Cintya, o mestre-sala também acho que era trote. Diante da confirmação, brotaram sentimentos conflitantes, igualmente intensos: felicidade e medo. Mas os três primeiros anos transcorreram perfeitos, só notas 10.

Matheus também foi o autor da sugestão do nome de Cintya, em conversa com Guanayra. Sequer a conhecia pessoalmente – apenas, como toda a bolha do Carnaval, admirava o estilo marcante da niteroiense. “Ela resgata a potência da porta-bandeira do Quilombo Mangueira”, define o mestre-sala, que também cuida do projeto de formar novos dançarinos, pavimentando o futuro a partir do projeto social da escola.

A conexão dos dois alcança a intensidade necessária à missão tão preciosa. Aliás, dos três, na visão dele. “Somos um trio: eu, ela e o pavilhão”, sublinha. E o menino satisfeito em passar na avenida como o segundo (que não entra na disputa dos pontos) transformou-se num artista determinado a garantir as notas máximas para sua escola.

Na trajetória toda, ostenta orgulhos familiares. O pai, morto em 2009, ainda o viu dançar em torno da porta-bandeira, na guarda do pavilhão. “Agora, quero que meu filho me veja como primeiro”, planeja, referindo-se a Dom, seu menino, nascido dois anos atrás.

Matheus e Cintya miram o futuro com o mesmo entrosamento que exibem na Passarela. E ele sonha com o já histórico 2028. “Quero chegar ao centenário carregando essa bandeira”, projeta ela, além do óbvio objetivo de ser campeã. “Tenho o plano de continuar até lá”, repete Matheus. “Será um privilégio único, desses que valem uma vida inteira”.

Assim, o Casal Furacão vai soprar forte nos rodopios pela avenida, somando notas 10 até a Verde e Rosa completar 100 anos – e, por que não?, além.

O samba, verso a verso

SOU LUANDA E BENGUELA A DOR QUE SE REBELA, MORTE E VIDA NO OCEANO

Nosso narrador, um cria da Mangueira de hoje, reconhece sua ancestralidade, a partir de duas cidades importantes de Angola, forjada na violência da travessia transatlântica da escravidão. Passa também cosmovisões bantos — aqui, o ciclo bakongo, que retrata a existência. Morte e vida fazem parte dele, numa mesma linha horizontal, representada pelo mar, a kalunga grande.

RESISTÊNCIA QUILOMBOLA DOS PRETOS NOVOS DE ANGOLA

Maneira como os escravizados recém-chegados — ou os que morriam nos tumbeiros — eram chamados.

DE CABINDA, SUBURBANO

Cabinda é outra cidade importante de Angola, que aqui se mistura com o subúrbio carioca. União da africanidade com a carioquice no Rio atlântico.

TRONCO FORTE EM RIBANCEIRA FLOR DA TERRA DE MANGUEIRA

Referência à escola e à árvore, conjugada às dificuldades da vida e ao tronco linguístico banto.

REVEL DO SANTO CRISTO QUE CONDENA

Imposição religiosa do opressor branco católico aos bantos e seus rituais. Transição da morte para a vida, simbolizada pela cor branca no ciclo bakongo. A morte se expressa por um feitiço branco que impõe aos escravizados a perda de sua identidade.

MISTÉRIO DAS KALUNGAS ANCESTRAIS QUE O TEMPO REVELOU NO CAIS E FEZ DO RIO MINHA ÁFRICA PEQUENA

Kalungas são lugares de imersão do espiritual. A grande é o mar, as pequenas são os cemitérios. A revelação se refere ao descobrimento das ossadas no Cais do Valongo, epicentro da história do enredo.

Ê MALUNGO, QUE BATE TAMBOR DE CONGO FAZ MACUMBA, DANÇA JONGO, GINGA NA CAPOEIRA Ê MALUNGO, O SAMBA ESTANCOU TEU SANGUE DE VERDE E ROSA, RENASCE A NAÇÃO DE ZAMBI

Malungo é companheiro, parceiro, forma de tratamento para reconstruir laços pela religiosidade, a dança e a cultura. O samba entra nisso, como construção carioca. E o Morro da Mangueira como representação. Zambi é a divindade suprema, inatingível.

BATE FOLHA PRA BENZER, PEMBELÊ, KAIANGÔ GUIA MEU CAMUTUÊ, MÃE PRETA ENSINOU

Bate folha é uma casa de candomblé banto em Anchieta, Zona Norte do Rio. Pembelê é saudação para todos os inquices; Kaiangô, divindade dos ventos. Camutuê é a cabeça, que guia os destinos e as caminhadas.

BATE FOLHA PRA BENZER, PEMBELÊ, KAIANGÔ SOB A CRUZ DO SEU ALTAR, INQUICE INCORPOROU

Apesar da adoção forçada ao catolicismo branco, nas irmandades negras resistiam buscando melhores condições para a vida e mesmo no momento da morte, além de reconhecimento social. Uma estratégia de sobrevivência.

FORJADO NO ARREPIO DA LEI QUE ME FEZ VADIO LIBERTO NA SENZALA SOCIAL MALANDRO, ARENGUEIRO, MARGINAL NA GIRA, JOGO DE RONDA E LUNDU ONDE A ESCOLA DE VIDA É ZUNGU

Com referências à lei da vadiagem endurecida no pós-Abolição, para manter a opressão. “Malandro”, “arengueiro” e “marginal” demonstram a maneira preconceituosa como são tratados os novos sujeitos do Rio urbano e que buscam sobreviver, fugindo da repressão e influenciando a cidade. Vivem como podem entre conluíus e conchavos. Zungus (casas de angu, na tradução literal) são casas de acolhimento das comunidades negras, nas brechas da cidade. Locais onde traçavam estratégias de sobrevivência. Locais de alívio e de alimentação para o corpo e para a alma. Até chegar na escola de vida — a escola de samba.

FUI RISCO IMINENTE O ALVO QUE A BALA INSISTE EM ACHAR LAMENTO INFORMAR UM SOBREVIVENTE

Transição para a atualidade, com a violência e as balas perdidas que quase sempre encontram os corpos pretos. Novo formato para o velho apagamento dos corpos.

MEU SOM, POR VOCÊ CRITICADO SEMPRE CENSURADO PELA BURGUESIA TOMOU A CIDADE DE ASSALTO E HOJE, NO ASFALTO A MODA É SER CRIA

Até hoje, a cultura banto se espalha na cidade e continua sua influência, com a musicalidade como alicerce. O funk tem ligação com o tambor de Angola. Citação a Cartola, na música “Tempos idos”. Tomar de assalto é chegar com força, sem pedir licença, a forma do cria.

QUER IMITAR MEU RISCADO DESCOLORIR O CABELO BATER CABEÇA NO MEU TERREIRO

Crítica à apropriação dos brancos das criações dos pretos.

É DE ARERÊ, FORÇA DE MATAMBA É DELA O TRONO ONDE REINA O SAMBA

Arerê é festa, alegria, mas também confusão, briga, o espírito apaixonado mangueirense. Matamba, energia que se assemelha a Oyá (lansã), no candomblé nagô.

SOU A VOZ DO GUETO, DONA DAS MULTIDÕES MATRIARCA DAS PAIXÕES, MANGUEIRA O POVO BANTO QUE FLORESCE NAS VIELAS ORGULHO DE SER FAVELA

A Mangueira dos crias, herdeiros banto e porta-vozes da Estação Primeira, em exaltação à favela. É pela sua energia vital que o povo banto faz das dificuldades as possibilidades de vida.

artigo

Mangueira, marca de força e ancestralidade de olho no futuro



Marca é a imagem ou ideia de um produto, serviço ou negócio. Associada ao conceito de marca vamos ouvir muito falar em brand ou branding, que significam, respectivamente, marca e gestão de marca. De verdade, prefiro a tradução literal, fazendo marca. Esta, aliás, é a que mais combina com o povo do Carnaval, e a incrível capacidade e especialidade de fazer essa arte única.

Pode existir um negócio sem marca? Não. Porque não pode existir alguém que não imagine algo sobre seu negócio, produto ou serviço. Mas pode existir o fato de um empresário ou empreendedor acreditar que ao criar seu negócio, produto ou serviço estará automaticamente desenvolvendo sua marca. É um erro dos maiores. Entretanto, entre erros e acertos, pode-se construir uma marca – e assim fizeram as escolas de samba.

Pode-se discutir o Carnaval como negócio, mas a partir dos desfiles das escolas de samba, sua cadeia produtiva e a circulação de bens e ativos evidenciam uma economia que vive e gera emprego (ainda que riqueza apenas para alguns). Anualmente, o processo de desenvolvimento do Carnaval faz essas instituições se posicionarem na sociedade ou no espaço que convencionamos chamar de mercado em vários aspectos – cultural, turístico, de entretenimento e serviços. Os chamados enredos (ou seja, as novas histórias) sempre foram posicionamento de marca.

Atitudes de vanguarda e de negócio são emblemas das escolas de samba. Se atualmente falamos de Afrofuturismo com muita frequência e naturalidade, como conceito que expressa muitos processos que vivemos ou deveríamos viver, as agremiações carnavalescas tinham esta práxis antes mesmo de a teoria ser cunhada. Antes da década de 1990, já imaginavam o negro em condições não universalizadas, disruptivas, futuristas e ainda desfilavam suas possibilidades de histórias como experiências culturais.



Rafaela Bastos

Tudo para observar que essa história de marca não é necessariamente novo para uma escola de samba. Novo aqui é o encontro de práticas categóricas com outras subversivas. A reunião das teorias de branding com a oralidade que sustentou uma marca como a Mangueira por quase um século e teve a incrível ideia de, por exemplo, incluir o “Estação Primeira” no nome da agremiação.

De fato, fazer um branding para uma escola de samba trata-se sempre de um rebranding, ou seja, uma atualização ou revitalização do seu posicionamento de marca para relacionamento com parceiros, clientes, torcedores, simpatizantes. E, no caso da Mangueira, os próprios mangueirenses terem o sentido e o sentimento de pertencimento pela escola renovados e fortalecidos.

Para fazer o rebranding da Mangueira foram entrevistados milhares de mangueirenses e aplicados vários questionários, com muitas horas de entrevistas. Decidimos flexibilizar as teorias de branding e abarcar a oralidade dos líderes sambistas.

Na Plataforma de Marca, alinhamos a mensagem-chave: “É Carnaval, É Rio, É Verde e Rosa”, convite para quem quiser conhecer o Carnaval do Rio passar pelo Morro da Mangueira. Os atributos da marca da Mangueira, ou seja, aquilo que são da natureza da nossa personalidade:

- Comunidade - “Pode entrar sem bater, aqui todo mundo é família. Sinta-se em casa, a quadra é nossa!”
- Contagante - “Vibre como um representante da escola: entusiasmado e querendo fazer todo mundo sambar junto.”
- Confiança - “Há quem diga que somos marrentos, mas a verdade é que a gente conhece o nosso potencial.”
- Raiz - “Temos força na voz. Somos história, resistência e alegria, queremos que todo mundo ouça o que temos a dizer.”

Na Expressão de Marca apresentamos uma releitura e optamos por um logotipo que destacasse cada símbolo, tudo ainda mais mangueirense. A proposta apresenta estrelas com pontas bem retas e maiores, trazendo esplendor aos momentos de vitória e ampliando a percepção de grandiosidade. Este detalhe foi pensado para cada estrela representar o esforço de botar o Carnaval na rua, o brilho do sorriso e da felicidade dos mangueirenses pelo campeonato.

A coroa atual não quer mais ter similaridades com outras coroas de escolas de samba e não se remete mais ao tempo da realeza que não privilegiava diversas representações da sociedade.

A realeza agora é a Mangueira. A realeza somos nós, mangueirenses. A Coroa passa a ser da Mangueira, composta por dois “M” – o rosa, ora símbolo do mar de morros da Mangueira, ora como uma grande mãe; o verde, para as duas manifestações culturais presentes no morro, o samba e a Folia de Reis. Na composição entram o Surdo de Primeira e a coroa, como a própria explosão da marcação, única em toda a folia. E no topo, a estrela de supercampeã do Carnaval.

A láurea de origem grega agora cede lugar à láurea das folhas de uma mangueira, um pouco mais finas, compridas e fluidas. O Surdo de Primeira na proposta atual considera a simplicidade de algo uno, sem muitas interferências de sombreamento ou formas.

Isto tudo para contemplar a ideia de que os “versos em Mangueira são modestos, mas sempre força de expressão” e são acompanhados por um surdo único, simples, com mais tons em verdes, mas fortes e singulares. A força em detalhes marca o verde e o rosa, sendo agora um surdo de Mangueira.

A faixa atual não tem mais pontas para transmitir o valor civilizatório afro-brasileiro de circularidade. Assim, a nova faixa está em conexão e continuidade com as estrelas dos campeonatos. O logotipo se mantém forte e sólido e a palavra Mangueira passa a ser base de toda a sua história. O alicerce da Estação Primeira, do Grêmio Recreativo, de 1928, de seus louros – e para tal, se centraliza como raiz e força.

Ter sido passista e musa desta escola e viver o privilégio de responsável pelo projeto e implementação do rebranding da Estação Primeira de Mangueira são honras ancestrais.

Sem a ancestralidade eu não teria a permissão, porque não se atualiza uma história de quase 100 anos, o que se faz é Carnaval. Tive a honra de trabalhar para dar mais orgulho à Nação Mangueirense. A oralidade de nos credencia – isso que é rebranding em escola de samba.

Vice-presidente de Projetos Especiais da Mangueira



MANGUEIRA



Hoje eu vou sambar na pista, você vai de VerdeRosa O Camarote...



O maior show da Terra merece ser acompanhado EM cada detalhe, que permita decifrar sua força monumental, emocionante. Uma volumosa quantidade de encantos se oferece aos espectadores, na incessante sucessão de surpresas, madrugada adentro. Estar na plateia do espetáculo proporciona experiência única na vida. Em suma: dá nem para piscar.

A Mangueira proporciona condições especiais para aproveitar os incontáveis prazeres e belezas da maratona de folia na Sapucaí. VerdeRosa O Camarote é o espaço privilegiado que, decorado com as cores mágicas da Estação Primeira, se abre para a pista dos bambas, em cinco noites arrebatadoras.

Localizado no setor 7, num dos melhores pontos da Passarela do Samba, o camarote tem janelas panorâmicas, com vista 180° para a pista, permitindo acompanhar

tudo que acontece nos desfiles. Além disso, amplas frisas permitem sentir o calor da bateria em toda sua plenitude. Dá para absorver a energia dos ritmistas mangueirenses e seu jeito vigoroso de tocar, com o surdo de primeira sem resposta, estilo exclusivo entre as escolas. Uma experiência única que só o VerdeRosa é capaz de proporcionar.

Com capacidade para 1.200 pessoas receberá apenas de 600 a 700 convidados por noite, oferecendo atendimento personalizado, serviços de qualidade em ambientes elegantes com mobiliário planejado, refrigerado, open bar super premium Moët Hennessy, gastronomia contemporânea assinada e um conceito artístico onde a excelência do samba fará as noites dos desfiles ainda mais especiais.

O deleite começa antes da festa, ainda na chegada para o transfer, previsto em dois pontos estratégicos do Rio: o Shopping Leblon e o maior shopping de design



Fotos de divulgação

e decoração da América Latina, o CasaShopping. Lá, funcionarão as lojas conceito do VerdeRosa, a partir de 15 de fevereiro, com a exposição de adereços e figurinos e ativações especiais de Carnaval. A partir do dia 25, as lojas se transformarão nos pontos de encontro para o credenciamento, retirada de camisas, customização e embarque exclusivo para a Sapucaí nos dias 1, 2, 3, 4 e 8 de março.

O camarote, concebido e produzido pela BarizON Entretenimento, agência de live marketing especializada em Samba, Carnaval e Camarotes, com mais de dez anos na Sapucaí, em parceria inédita com a Estação Primeira de Mangueira, tem como prioridade o grande espetáculo que passa na sua frente: o desfile das escolas de samba. Daí, a preocupação em garantir conforto para essa experiência única sobre a Terra. Se nada é parecido com a maratona dos grêmios carnavalescos, tudo em volta deve estar dedicado a ela.

Somente nos intervalos entre as apresentações, o espaço se permitirá oferecer atrações para seus frequentadores. Mesmo elas estarão ligadas à festa e, mais especificamente, à Mangueira. Assim, vai se apresentar a Velha Guarda Musical da escola, recebendo convidados como Alcione, Leci Brandão, Sandra de Sá, Fernanda Abreu e outros artistas icônicos.

VerdeRosa O Camarote tem como alicerce o respeito aos sambistas. Eles merecem. Visite o site oficial, verderosaocamarote.com (único canal para a compra de ingressos), e as redes sociais: @verderosa_o_camarote

galeria

Imagens de Mangueira

Conceição Evaristo, destaque no desfile, no barracão com Sthefanye Paz (à esquerda), Rafaela Bastos e Tânia Bisteka



Foto Bruno Jungmann



Bruneca: musa da comunidade



Andressa Verdino: a beleza das musas da comunidade

A ala dos crias no ensaio técnico na Sapucaí



Fotos JM Arruda

Edna, coordenadora da ala das baianas, no ensaio de rua



Os intérpretes Marquinhos Art Samba (à direita) e Dowglas Diniz



Euforia no ensaio de rua, com a bandeira Verde e Rosa



A torcida empolgada no ensaio técnico

artigo

Rio Carnaval: o maior espetáculo da Terra



Todo mundo que pisa na Marquês de Sapucaí pela primeira vez sente uma energia diferente. As escolas de samba são capazes de promover uma mistura indescritível de emoções, levando quem está ao redor, seja componente, artista, folião ou espectador, a mergulhar em histórias fantásticas, contadas com muita arte, criatividade e desenvoltura.

A cada ano, o espetáculo, que sempre foi marcante, vem conseguindo surpreender ainda mais. A força do samba é tão grande que ultrapassa as barreiras físicas, chegando ao mundo todo por meio das mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, e da internet, por canais de divulgação digitais e as redes sociais. Assim, fica claro que o Carnaval não se restringe apenas a fevereiro e março, mas está vivo durante o ano inteiro.

Antes mesmo de começarem os ensaios, as quadras e outros espaços das agremiações são utilizados como verdadeiros centros de cultura, cidadania e inclusão social. Inúmeros projetos servem como referência nacional, levando educação, desenvolvendo talentos e promovendo



Gabriel David

a integração e o empoderamento nas comunidades.

Isso sem falar no trabalho de barracão. São vários meses de atuação intensa na Cidade do Samba, com ofícios que só os nossos artistas conseguem executar com tamanha maestria. Costureiras, aderecistas, ferreiros, escultores, sapateiros e tantos outros ajudam a dar vida às ideias desenvolvidas pelos carnavalescos e pesquisadores, transformando textos, desenhos e protótipos em alegorias, fantasias e elementos cenográficos.

Já a parte musical encanta o planeta com o ritmo tipicamente brasileiro, enquanto casais de mestresala e porta-bandeira, comissões de frente, passistas e alas coreografadas dão um show visual e de expressão corporal. Ouvir um samba-enredo, acompanhado da bateria, faz o coração pulsar de forma vibrante, de modo que esse sentimento permaneça na memória afetiva de cada um por toda a eternidade.

Agora em 2025, essa magia proporcionará impacto ainda mais positivo. O Rio Carnaval terá três dias de desfiles competitivos no Sambódromo, com quatro agremiações desfilando em cada data: domingo, segunda e terça-feira de folia. Serão dez minutos de esquentar para cada escola brindar o público com os sambas antológicos que marcaram gerações, e mais 80 minutos para realizar os desfiles inéditos ao longo da Passarela do Samba.

Após a apuração na Quarta-feira de Cinzas, vamos todos celebrar o futuro do samba com os desfiles mirins, que passam agora a fazer parte do calendário oficial na sexta-feira. Bem na véspera do Sábado das Campeãs, quando as seis primeiras colocadas retornarão à Passarela para festejar os resultados.

Chegou a hora, então, de viver esse momento e aplaudir nossas estrelas. Vamos cantar, sambar e nos permitir viver essas diferentes emoções, exaltando baluartes, velha guarda, baianas, passistas, integrantes de alas e todos que ajudaram a elaborar cada desfile, fazendo do Rio Carnaval o maior espetáculo da Terra. Bom Carnaval!

Presidente da Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba)



VESTIU
VERDE E ROSA
E SAIU POR AÍ...

LOJA DA MANGUEIRA
ROUPAS E ACESSÓRIOS OFICIAIS DA ESCOLA DE SAMBA MAIS QUERIDA DO PLANETA.

ACEITAMOS PIX e TODOS OS CARTÕES

E-COMMERCE, PROMOÇÕES, HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO
E OUTRAS INFORMAÇÕES:
LOJA.MANGUEIRA.COM.BR @LOJAMANGUEIRA_OFICIAL



Foto Rio Carnaval

N!FOR T!ERRA



NO RIO DA NEGRITUDE
ENTRE DORES E PAIXÕES

MANQUEIRA
2025